



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

JORDANA FREITAS DE SOUSA

**AFETOS E RELAÇÕES INTER-RACIAIS NA CIDADE
DE FORTALEZA**

**FORTALEZA – CE
2008**

JORDANA FREITAS DE SOUSA

**AFETOS E RELAÇÕES INTER-RACIAIS NA CIDADE DE
FORTALEZA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Serviço Social, do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção da graduação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Glauécia Mota Brasil

FORTALEZA – CE
2008

JORDANA FREITAS DE SOUSA

AFETOS E RELAÇÕES INTER-RACIAIS NA CIDADE DE FORTALEZA

Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social, do Centro de Estudos Sociais Aplicados, da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção da graduação.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Glacéria Mota Brasil _ UECE
Orientadora

Prof.Ms. Emanuel Bruno Lopes de Sousa _ UECE
Examinador

Prof. Esp. André Luiz Souza Costa
Examinador

AGRADECIMENTOS

Este espaço não poderia deixar de existir, tratando-se deste trabalho. Passei por muitas dificuldades para chegar a este momento. Tribulações que foram vencidas com a ajuda daqueles a quem estes agradecimentos são direcionados.

Antes de qualquer coisa, diante da minha crença, o primeiro da lista só pode ser Deus, pois eu creio que sem ele eu não teria forças para recuperar meu ânimo. Abaixo Dele, agradeço à minha orientadora, Professora Maria Glaucíria Mota Brasil pelo incentivo e sua imensurável colaboração nesse processo. À Professora Zelma Madeira, pelas primeiras orientações, que foram fundamentais para que eu desse início à pesquisa. E meus sinceros agradecimentos aos entrevistados, que tanto colaboraram doando seu tempo, se dispondo a colaborar abrindo informações tão pessoais. Aos integrantes da banca meus sinceros agradecimentos por disponibilizarem o tempo para essa avaliação decisiva para mim.

Lembro-me também dos colegas de estágio no Centro de Cidadania Cons. José Batista de Oliveira, em especial à minha técnica responsável Fátima Pereira, que sempre me apoiou e me incentivou para que alcançasse minhas metas.

Agradecimento especial aos meus pais, que sempre tiveram do meu lado nas minhas decisões, e nos meus momentos mais difíceis, era em seus braços que eu encontrava o maior apoio. À minha irmã, que mesmo com toda e qualquer diferença, deve estar exultante de alegria diante da minha conquista. Assim como meus familiares mais próximos, que tenho certeza que celebram comigo este momento.

Aos meus queridos amigos, àqueles que já têm raízes mais profundas principalmente, mesmo os que estão distantes, mas também àqueles um pouco mais recentes, mas que fizeram meu caminho mais leve.

*Se pudesse o espírito que chora ver através da
máscara da face, quanta gente, talvez, que inveja
agora nos causa, piedade nos causasse!*
Raimundo Correia.

RESUMO

O Brasil é um País que tem a miscigenação como uma identidade. No entanto o casamento inter-racial é representado por 35% de todos os casais. Esse trabalho propõe-se a investigar casais inter-raciais, suas representações, as tensões que envolvem e se apresentam na relação. Como esses casais convivem com atitudes de preconceito em um País que tem a imagem da democracia racial? Como o racismo é visualizado da privacidade familiar diante da escolha de manter uma relação inter-racial? Esse estudo aponta a fragilidade das máscaras de cordialidade quando o *indesejável* encontra-se tão próximo ao seio familiar. Essa análise longe de ter um caráter conclusivo, tem um intuito provocativo. Para que não mais naturalize-se o preconceito racial em nenhuma das esferas, seja ele apresentado de forma pública ou do convívio da privacidade do lar. É necessária a reflexão sobre as contradições de uma sociedade que tem título de *paraíso racial* para que o invisível torne-se visível e com isso possamos buscar estratégias de combate ao comportamento discriminatório, que possa dar início à verdadeira construção da *nova ordem societária*, já que as relações conjugais são as bases para formação familiar que é uma das células da sociedade. Desconstruindo a intolerância às diferenças neste espaço, onde aprendemos os nossos princípios básicos de convivência.

Palavras-chave: Preconceito racial; relações étnico-raciais; discriminação, família.

ABSTRACT

Brazil is a country that has miscegenation as an identity. However interracial marriage is represented by 35% of all couples. This paper has the purpose to investigate interracial couples, its representations, the tensions that involve this relation and how they present themselves. How these couples coexist with attitudes of prejudice in a country that has a racial democracy image? How racism is visualized in the family privacy in front of the choice to keep a interracial relation? This study points out the fragility of the cordial masks when the *undesirable* finds itself so close to the family environment. This study far from having a conclusive goal, it has a provocative intention. So that no more racial prejudice becomes natural in any of the spheres, either presented itself in a public form or in the conviviality of the privacy of people's homes. The analysis is necessary on the contradictions of a society that carries the title of *racial paradise* so that the invisible one becomes visible and, with this, we can search for strategies to fight the discriminatory behavior, that can give a new start to the true construction of the *new society order*, since the marital relations are the bases for family formation that is one of the cells of the society. By learning the intolerance of the differences in this space, we learn our basic principles of co-existence.

Key- words: Racial Prejudice; ethnic-racial relations; discrimination; family.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	As relações inter-raciais e seus significados	17
2.1	Conceito e preconceito racial	17
2.2	A vivência do invisível	22
2.3	Mulheres negras e a família nuclear.....	26
2.4	As manifestações do racismo.....	28
2.5	Qual o problema?	29
3	Quem são os sujeitos da pesquisa?	35
4	Representações das relações conjugais inter-raciais.....	46
5	A escolha pelo relacionamento inter-racial.....	52
5.1	Eu? Preconceituoso?.....	53
5.2	O porquê e o que mais os motiva na escolha	57
5.3	Mecanismos de defesa?.....	60
5.4	Justificar para harmonizar.....	63
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
	BIBLIOGRAFIA.....	71

ANEXOS

INTRODUÇÃO

O casamento inter-racial pode ser visto como um indício de enfrentamento do racismo? Estes relacionamentos realmente cumprem papel de neutralizadores das desigualdades raciais?

O Brasil é um país conhecido pela miscigenação e “harmonia” racial, onde a convivência é pacífica entre negros, brancos e índios e é elogiado, considerado bonito, por esse caráter cordial.

Atualmente, temos estudos que apontam a fragilidade da imagem do Brasil como o País da democracia racial, e que denunciam a existência de uma idealização das relações raciais nesta sociedade. Estes revelam que a cor atua como um dos fatores que exercem grande influência na escolha do cônjuge, o que expressa na predominância de relações raciais endogâmicas, como nos mostram as estatísticas do Censo de 2000 do IBGE. Os dados apontam que apenas 35% das uniões são formadas por um cônjuge negro e o outro branco, desses 19% é formado pelo par mulher negra e homem branco; e 16% é formado pelo par homem negro e mulher branca (IBGE, 2000).

A maioria das pessoas me pergunta, ou se não me perguntam, se perguntam, o que fez com que me aproximasse dessa temática. Isso porque olham para mim e vêem uma pele branca. Então se questionam o que me fez estudar sobre preconceito racial. Este estudo é para mim uma denúncia ao que é reproduzido no universo das relações pessoais. Almejo esta denúncia porque já fui vítima quando me relacionei por duas vezes com homens negros. E queria confirmar ou não se o que foi vivido por mim era realmente o que acontecia com quem escolhia manter um relacionamento com alguém de cor ou raça diferente. Tive dois namorados negros, sendo que o primeiro tinha a pele visivelmente mais escura que a do segundo e isso fez a diferença quando o apresentei para minha família ou mesmo aos parentes e amigos. E eu me

perguntava, se os dois eram negros, por que aceitaram melhor o segundo que o primeiro? Quando perguntava isso pras pessoas respondiam-me que a diferença entre a gente era muito grande de tons de pele e ele era um *negro mais grosseiro* o outro era mais afilado, era mais claro, diziam até que o segundo não era negro e sim moreno. Então comecei a perceber que o problema maior não era a origem negra e sim o fenótipo, a cor, quanto mais escuro pior era visto.

Comecei a me interessar pelo assunto e buscar leituras que abordassem esse tema. Por fim conclui que, se isso me causava tanto incômodo e curiosidade era exatamente o que eu deveria pesquisar dentro da academia, pois identifiquei que havia poucos estudos sobre racismo dentro das relações afetivas.

Esta análise trata-se de um desafio. Atinge algo que pouco se fala, que é sempre *deixado pra lá*, mas persistindo as atitudes aparentemente sem importância, que acontecem no cotidiano e não se reparam, no entanto que muito se repetem.

De que adianta buscar a igualdade social para o negro, abrir espaços na sociedade com atitudes políticas e projetos de ações afirmativas, se dentro da intimidade familiar e no convívio social reproduzimos conceitos tão discriminatórios e tão estigmatizantes? Que igualdade se alcançará se o negro continuar sendo sinônimo de tantos signos negativos?

Fernandes aponta ainda que o “preconceito de cor” constitui-se num mal degradante para quem o pratica, pois revela a existência dos conflitos raciais negados.

O “preconceito de cor” é condenado sem reservas, como se constituísse um mal em si mesmo, mais degradante para quem o pratique do que para quem seja sua vítima. A liberdade de preservar os antigos ajustamentos discriminatórios e preconceituosos, porém, é tida como intocável, desde que se mantenha o decoro e as suas manifestações possam ser encobertas ou dissimuladas (mantendo-se como lago íntimo”; que subsiste no “recesso do lar””(FERNANDES, 1979, p.24)

O presente estudo tem por finalidade perceber de que forma se manifestam as tensões envolvidas na construção destas relações e compreender as contradições de uma sociedade que se vangloria da mestiçagem como um indício de ausência de conflitos raciais.

A análise será feita com depoimentos de pessoas que vivem ou já viveram um relacionamento racialmente heterogêneo, residentes em Fortaleza (Ceará/Brasil), investigando como estes compreendem o racismo, até que ponto ele se configura como um problema para estas relações, identificando se existe e quais são as estratégias de enfrentamento ao racismo e percebendo os conflitos decorrentes da identificação racial dos cônjuges tanto na família como no convívio com parentes e amigos.

Os sujeitos desta análise foram representados por casais visualmente identificados como inter-raciais, formados por brancos e negros, ou mesmo que não estivessem mais juntos, que residam em Fortaleza e distinguidos dentro das diferentes classes sociais, sem distinção de idade, compreendendo um intervalo de 20 a 60 anos. Os dados necessários foram coletados através da história oral em entrevista semi-estruturada, tendo como eixo norteador as relações inter-raciais. Com o olhar direcionado para a temática proposta, os casais foram escolhidos após uma busca, com a ajuda de pessoas que tinham contato com possíveis “colaboradores”, que podiam ser parentes ou amigos, os quais por sua vez sempre conheciam mais outros. Houve a participação também dos “colaboradores” percebidos pelo contato direto nos lugares rotineiros como na Universidade Estadual do Ceará (UECE), nas Casas de Cultura da Universidade Federal do Ceará (UFC) e na comunidade da Bela Vista, a qual se desenvolveu meu estágio curricular.

Minha dificuldade em reconhecer os casais foi pelo não reconhecimento da população negra de Fortaleza, a maioria negra com veemência a existência de negros no Estado. Como os casais eram identificados pelo critério visual, a abordagem tornava-se complicada pelo tema da pesquisa. Quando o descrevia e os colocava a par do que seria abordado na entrevista, alguns perguntavam por que eu os havia procurado, pois não se identificavam com o perfil de casal inter-racial, e por isso não davam abertura para adentrar na temática.

O racismo no Ceará ganha uma especificidade, prolifera o discurso da ausência de negros e negras, de que foi um dos primeiros estados a abolir a escravidão. Isto leva ao engendramento de uma perspectiva da invisibilidade desta população. Porém, há sim uma experiência social construída historicamente pela população negra no Ceará, as marcas ficaram presentes no seu engajamento no mundo do trabalho, nas práticas culturais e religiosas e nas lutas contra a discriminação e o preconceito (CANTUÁRIO, 2007, não pag.).

É interessante, em se tratando de uma pesquisa que trata das relações entre brancos e negros, buscar dados quantitativos que sejam relevantes para melhor visualizar o objeto. Tive como base para esse dado os resultados do Censo Demográfico do IBGE de 2000. Na tabela de dados sobre a população residente, por cor ou raça encontrei o total de pessoas declaradas brancas, pretas e pardas no Brasil e no Ceará. No Brasil da população total de 169.872.856, 91.298.042 pessoas declaram-se brancas, 10.554.036 declaram-se pretas¹ e 65.318.092 declaram-se pardas. No Ceará da população total de 7.431.597, 2.770.560 declaram-se brancos, 305.279 declaram-se pretos e 4.274.359 declaram-se pardos (IBGE, 2000).

Podemos concluir com esses dados que a maior parte da população cearense declara-se parda. O intrigante é que esse número de pardos é uma parcela da população do Estado que não se considera branca, mas também não se declara preta. A parcela de pessoas que se declaram pretas é menor que o total de pessoas de apenas um município de Estado, que é Caucaia, este na sua população total já passa de 316.000. Ou seja, a população cearense não se identifica quanto negra.

¹ Preto é uma das cinco categorias do quesito cor utilizadas nas pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Com esses dados podemos perceber o porquê da minha dificuldade em identificar os casais. Se numa pesquisa que não se aprofunda na intimidade, como as do IBGE, as pessoas não se declaram negras, quanto mais num estudo que, mesmo utilizando subterfúgio de nomes fictícios para preservar a identidade, mas tendo que perscrutar tão profundamente a privacidade das relações.

As entrevistas tiveram nove participantes, dois casais entrevistados em conjunto (na entrevista de um dos casais houve a colaboração de alguns filhos), três mulheres que ainda convivem com seus companheiros, mas as entrevistei sozinhas; uma que o relacionamento já acabou e um rapaz que falou do seu último relacionamento. Todos os participantes tiveram suas identidades devidamente resguardadas, pois durante toda a escrita foram utilizados nomes fictícios.

Alguns dos colaboradores foram entrevistados em diferente momento dos respectivos companheiros, em outros casais apenas um aceitou ser entrevistado e dois dos colaboradores não estão mais se relacionando com alguém de etnia diferente, mas se dispôs a colaborar com as suas experiências. Outros protelaram por algum tempo, e depois falaram que era difícil falar sobre isso, um casal teve medo de ser identificado a fim de preservar a família de um dos parceiros. Uma das casas em que fui entrevistar o casal, a família inteira se envolveu durante a entrevista e enriqueceu ainda mais os dados coletados. Uma colaboradora me pediu para não entrevistá-la em casa.

Sentia que, os colaboradores mais jovens tinham receio de serem identificados pela família; os casados, já não ponderavam tanto, agiam mais naturalmente mesmo estes, muitas vezes, possuindo histórias parecidas.

A etapa seguinte foi transcrever todas as entrevistas, coletando todos os dados possíveis, pois em uma pesquisa qualitativa todos os fenômenos são importantes como: a predominância das falas (mesmo não

primando pelo caráter quantitativo), a tonalidade, a ênfase, as interrupções ou o próprio silêncio (CHIZZOTTI, 1996, p.84).

A análise ocorreu de forma investigativa, pois houve busca incessante pelo conhecimento do meio em que os sujeitos estavam inseridos, para compreender os determinantes das idéias dos sujeitos, percebendo as contradições existentes ou não entre as idéias expostas e a realidade. Cabe salientar que é imprescindível para uma pesquisa que se relacione o objeto ou sujeito com o seu contexto, ou então os resultados provavelmente seriam imprecisos.

Fazendo a correlação do sujeito com o seu contexto histórico podem-se perceber os seus valores, os quais foram apreendidos na sua vivência histórica inserindo a análise na articulação teórica que fundamenta o trabalho.

Na execução dessa análise os conceitos que perpassam o problema foram aprofundados, associando-os aos dados quantitativos os interpretando qualitativamente, podendo revelar as contradições e as imprevisibilidades dos fenômenos sociais.

A abordagem qualitativa parte do pressuposto de que o objeto não é um dado neutro e inerte, ele possui significados que os sujeitos concretos estabelecem em suas relações. Pois as análises quantitativas “sugerem caminhos, reiteram e/ou descartam certas hipóteses, mas não desvelam as representações e valores sociais que orientam tais escolhas” (MOUTINHO, 2003, p.27).

É necessário ir além das manifestações imediatas valorizando a contradição dinâmica do fato observado e a atividade criadora do sujeito que a observa (CHIZZOTTI, 1996, p. 78-79). Como já elucidado também por Minayo,

[a] abordagem dialética pensa a relação da quantidade como uma das qualidades dos fatos e fenômenos. Busca encontrar, na parte, a compreensão e a relação com o todo; e a interioridade e a exterioridade como constitutivas dos fenômenos (2000, p. 24).

Dentre as técnicas de coletas de dados existentes optou-se pela pesquisa bibliográfica, constituída de livros e artigos, para obter referencial teórico sobre o assunto; análise de dados estatísticos do censo, para correlacioná-los com a compreensão subjetiva; aplicação de entrevistas semi-estruturada, conduzida pelos objetivos da pesquisa com exploração abrangente, por apresentar melhores possibilidades de abordagem, podendo prestar esclarecimentos sobre conceitos utilizados (GOODE e HATT, 1969).

É preciso que fique claro que a amostra para a pesquisa, por ser reduzida, foi de grande serventia principalmente para que houvesse uma aproximação com o objeto de pesquisa, mas não há parâmetros de conclusão definitiva. Até porque a pesquisa tem caráter muito mais instigante que conclusivo.

O trabalho foi dividido em quatro capítulos. O Primeiro foi subdividido em cinco tópicos. Começo apresentando conceitos de preconceito racial e suas ramificações ligadas à *marca* (fenótipo, aparência) e origem; e direcionando estes conceitos para a realidade brasileira (NOGUEIRA, 1979)

A democracia racial, como modelo de convivência harmônica entre as raças, é contestada neste trabalho através de dados que apontam essa desigualdade. Apresento as dificuldades das mulheres negras que sofrem de discriminação tanto racial quanto de gênero e, de acordo com os dados que serão expostos, identifico-as como as que sofrem maiores dificuldades também no campo do *mercado afetivo* (SANTOS, 2004).

Por fim, vou ao cerne da questão. Apresento de forma mais clara e expressiva os questionamentos relevantes do objeto da pesquisa, que são as relações conjugais inter-raciais. Quais os tabus envolvem e apresentam esses casais? O que incomoda as pessoas e como elas expressam este incômodo?

O consciente coletivo aponta ainda para diferenciações como se fossem naturais. E essas diferenciações se refletem nos dados apresentados

sobre casamentos e cores do IBGE. Identifico que algumas representações válidas no período colonial ainda repercutem na sociedade atual.

No segundo capítulo apresento os sujeitos da pesquisa com resumos de seus perfis no contexto de suas realidades socioeconômicas e construindo um breve histórico dos relacionamentos em questão.

A partir do terceiro capítulo, as falas dos entrevistados são introduzidas de modo mais intenso. Eles falam sobre a miscigenação brasileira, cultura, preconceito racial, cor e raça. Apresentando as interferências destes assuntos nos relacionamentos que vivem ou viveram.

O quarto capítulo foi subdividido em quatro partes. Este é o capítulo final da pesquisa. Nele, dei prioridade à análise das falas dos entrevistados no que concerne a escolha e a motivação que tiveram para manter o relacionamento. Sempre fazendo correlação com o casamento inter-racial na literatura brasileira, comparando com romances como *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado e *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo. Romances que tratam de personagens semelhantes às histórias narradas.

Neste capítulo, analisando a fala dos entrevistados, busquei decifrar se os cônjuges estão isentos de preconceito ao manterem uma relação inter-racial. Se, de acordo com Moutinho (2003), os *signos negativos* (estereótipos) interferem na convivência e na relação. Nele, também exponho os momentos das entrevistas em que os sujeitos partilham suas experiências e revelam como a sociedade se porta, e seus mecanismos de enfrentamento das dificuldades vividas.

E finalmente vêm as conclusões, onde justifico a relevância do estudo para o Serviço Social e exponho os resultados, respondendo às questões propostas pelo trabalho, as respostas baseadas principalmente nos depoimentos, mas também os relacionando com os princípios teóricos. Longe de ser conclusivo pela curta amostragem, acredito que este estudo, no seu desenvolvimento e fechamento com a conclusão, cumpre com o papel

denunciador do mascaramento das questões que envolvem os conflitos nas relações raciais, inseridos na esfera íntima do núcleo familiar.

Por todos estes anos de convivência com o mascaramento do preconceito racial, pode-se dizer que é de extrema importância que se discutam as relações étnico-raciais como expressão da questão social. Segundo Iamamoto: “(...) dar conta da questão social, hoje, é decifrar as desigualdades sociais de classe - em seus recortes de gênero, raça, etnia, religião, nacionalidade, meio ambiente etc” (IAMAMOTO, 2007, p. 114

As Relações inter-raciais e seus significados

2.1 Conceito e Preconceito racial

A questão do preconceito racial, em todas as suas dimensões, é encontrada desde a Antigüidade, mesmo antes de ser um fenômeno político ou pautar-se na biologia já tratava-se de uma realidade social e cultural e baseava-se no fenótipo em maior ou menor grau de intensidade (WEDDERBURN, 2007).

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações, os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, os sotaques, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico, para que sofra as conseqüências do preconceito, diz-se que é de origem (NOGUEIRA, 1979, p.79).

Portanto, o preconceito, é basicamente uma atitude negativa com relação a um grupo ou pessoa, tendo um grupo considerado como ponto positivo de referência (JONES, 1973). Sendo a base desta compreensão, o preconceito racial, este consiste em

(...) repudiar pura e simplesmente as formas culturais - morais, religiosas, sociais, estéticas – mais afastadas daquelas com que nos identificamos (BASTIDES e FERNANDES, 1971, p. 236).

Dentro da categoria do preconceito, especificamente o racial, encontra-se a dimensão de origem, e de marca. O preconceito racial de origem se dá nas sociedades onde há uma segregação notória entre populações

diversas, mesmo quando o descendente não apresenta em suas características físicas os traços dos seus ancestrais. O preconceito racial de marca se manifesta mediante a aparente expressão da raça repudiada, através do seu fenótipo.

Teríamos o preconceito de marca uma classificação quase imediata por oposição ao preconceito de origem, mais próprio ao contexto norte-americano, no qual quem descende de uma família negra (a menos de três gerações), e a despeito da aparência, é sempre negro (SCHWARCZ, 1998, p. 226).

Marca é o termo irrefutavelmente ligado ao fenótipo. Trata-se, portanto da aparência, do que é visualmente identificado. Nogueira (1979) aponta que no Brasil é predominante o *preconceito de marca*, o qual contribui para que o indivíduo seja mais ou menos excluído conforme seu tom de pele e suas características físicas.

O fenótipo é um elemento objetivo, real, que não se presta à negação ou confusão; é ele, não os genes, que configura os fantasmas que nutrem o imaginário social. É o fenótipo que serve de linha de demarcação entre os grupos raciais, e como ponto de referência em torno do qual se organizam as discriminações “raciais” (WEDDERBURN, 2007, p.11).

Ao falar em preconceito racial caímos no conceito de raça. Os seres humanos são dotados de diversidades, tanto culturalmente como fenotipicamente. Segundo Munanga² (2003) em 1684, o francês François Bernier emprega o termo para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças. Esse conceito que a princípio serviriam de ferramenta para operacionalizar o pensamento, acabou por hierarquizar certos grupos. No século XVIII surgiu a divisão que existe ainda hoje no pensamento coletivo. A espécie humana subdividiu-se em três raças a branca, a negra e a amarela. E no século XIX acrescentou-se a essa classificação outras características físicas como a forma do nariz, dos lábios etc. a fim de tornar a classificação mais criteriosa. No século XX descobriram as propriedades sanguíneas e aí foi concluído que indivíduos da mesma raça, de acordo com sua genética, podem estar mais distantes que os indivíduos

² Professor Dr. Kabengele **Munanga**, titular do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo. Autor de vários trabalhos na área de antropologia da população negra africana e afro-brasileira, entre outros, *Os Basanga de Shaba* (1986); *Negritude* (1988), *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial* (1996) e *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil* (1999)

pertencentes a outra raça. Por conta desses desencontros, cientistas concluíram que a divisão de raças biologicamente não explica a diversidade humana. No entanto hoje o conceito de raça é empregado não fundamentado na biologia e sim no caráter ideológico em que ainda se encontra intrínseco a relação de dominação e poder de um determinado grupo perante outro.

Há aqueles que, para não utilizar o conceito de raça e ter o vocabulário politicamente correto, utilizam, para tratar dessa discussão, o termo etnia. No entanto, assim como Munanga, friso que essa troca não aniquila o que está petrificado no consciente e no subconsciente coletivo, muito menos recuperar a identidade afro desconstruindo imagens negativas atreladas à população negra, estigmas que atravessaram séculos e ainda produz efeitos excludentes, discriminatórios.

O difícil é aniquilar as raças fictícias que rondam em nossas representações e imaginários coletivos. Enquanto o racismo clássico se alimenta na noção de raça, o racismo novo se alimenta na noção de etnia definida como um grupo cultural, categoria que constitui um lexical mais aceitável que a raça (MUNANGA, 2003, p.11).

Munanga (2003) continua sua análise afirmando que palavras como branco, negro e mestiço não possuem a mesma conotação no mundo inteiro. Ou seja, o que se considera branco no Brasil, pode ser mestiço para outro lugar e assim sucessivamente. A partir desde princípio o autor conclui que não é o caráter biológico que perpassa por estas classificações, estas palavras são etno-semânticas com conteúdo político-ideológico.

Portanto, para esta análise a raça não possui caráter biológico, ela trata-se de uma construção social que precisa ser estudada pelas ciências sociais para atingir às práticas discriminatórias. Abolir esse conceito não só não resolverá o problema das relações raciais como será mais difícil de articular as discussões, tornando o problema cada vez mais abstrato e turvo perante a sociedade.

Tanto o conceito de raça quanto o de etnia são hoje ideologicamente manipulados. É esse duplo uso que cria confusão na mente dos jovens pesquisadores ou iniciantes. A confusão está justamente no uso não

declaradamente definido dos conceitos de raça e etnia... (MUNANGA, 2003, p.15)

Considerando o peso que essas palavras ainda repercutem no imaginário social, não há como bani-los dos trabalhos que tratam sobre o assunto, pois fazer isso seria como ignorar algo latente, que é reproduzido dia-a-dia. Banir esses termos dos trabalhos traria eufemismo para os estudos sociais, que abrandaria a real situação da “minoría, que se trata de maioria silenciada”, que nesse sentido seria mais silenciada ainda, pois não teriam a chance de discutir a situação da forma como é vivida e sentida na realidade.

Portanto, justifico os termos utilizados nesse estudo que trata de uma realidade inter-racial. Utilizando em alguns momentos o termo raça, para caracterizar a situação tal qual esta seja vivida pelos sujeitos da pesquisa.³

Goffman (1980) discorre sua análise sobre estigmas, que para este estudo é de grande relevância. Estes podem ser relacionados aos signos negativos atribuídos à população negra, que segundo o autor produzem desvantagem e comprometem suas qualidades, reforçando a deterioração da identidade do indivíduo.

O mesmo autor conceitua o termo estigma como marca, cicatriz, sinal. Sinal infamante que leva ao descrédito, à humilhação perante os outros. Independente de qual seja o tipo de estigma, a situação é a mesma, isto é, há uma pessoa que, devido a uma característica diferente, não é facilmente aceita pelos demais. Para o autor, a definição de estigma está apoiada na cultura, no tempo e na sociedade, podendo variar entre as regiões e os períodos históricos (GOFFMAN, 1980)

³ Esta pesquisa prima por uma linguagem clara e objetiva. Ou seja, não é que eu considere o termo raça o correto, mas entre raça e etnia, considero raça o mais adequado para os objetivos da pesquisa. No entanto considero que, tanto o termo raça como etnia, para esse tipo de discussão, são incompletos. Pois o termo raça atrela-se a questão da cor (marca), como trata Nogueira, já que o biológico já foi descartado; e o termo etnia trata da linguagem, da cultura ou mesmo do território. Não concordo com o termo etnia negra, pois como vemos no Brasil, o negro na Bahia e o negro no Rio de Janeiro produzem culturas diversas. Assim como não se pode resumir a população branca em uma única etnia já que temos descendentes de italianos, como exemplo temos alguns bairros de São Paulo que ainda preservam essa cultura, assim como os descendentes de alemães no Rio grande do Sul, que também expressam sua cultura na arquitetura, na dança, nas festas ... Portanto, na minha concepção, é importante para a discussão a noção de raça no que tange para o lado cromático, marca ou estereótipo atrelada à noção de etnia. Já que a população negra ainda sofre discriminação quando expressam sua cultura, seja ligada à religiosidade que acaba folclorizada; seja ligadas às expressões artísticas, que em geral têm conotação marginalizada, não valorizada como uma cultura “de bom gosto”.

Em *Casa grande e senzala*, Gilberto Freyre (2002) marcou uma verdadeira revolução ao enaltecer a civilização criada pela mistura de “raças”; contradizendo os relatos pessimistas de estrangeiros, como o de Gobineau, embaixador da França no Brasil, que apontava ser esse o principal fator de atraso no Brasil. A obra de Freyre caracteriza a sociedade brasileira pela miscigenação e pelo sincretismo, fruto de intensa troca de valores culturais e da intimidade existente entre senhores e escravos, ignorando que o sistema escravista legitimava a inferioridade dos negros, construindo assim o mito da *democracia racial*.

Freyre enalteceu o modelo paternalista do sistema escravista brasileiro, apontou a importância da influência negra nos serviços, na cultura e na economia. E identificou na miscigenação um sintoma de integração social, no entanto a estratificação social era e ainda é visível. O argumento de Freyre passava também pela ascensão do mulato, que eram frutos da violência dos senhores para com suas escravas, as quais eram tratadas como objetos de propriedade dos Senhores. Assim reconheceram-se os mulatos como membros da sociedade por serem seus filhos, mesmo considerados bastardos. (FREYRE, 2002).

Como consequência naturalizam-se os problemas coletivos da população afros descendentes, reduzindo-se a visibilidade das suas reivindicações e fortalecendo a idéia de democracia racial, que é chamada de mito porque na verdade essa idéia apenas esconde o real, exercendo o racismo freqüentemente. A pouca visibilidade do problema não o classifica como um País sem conflitos raciais.

No Brasil o mito de democracia racial bloqueou durante muitos anos o debate nacional sobre as políticas de “ação afirmativa” e paralelamente o mito do sincretismo cultural ou da cultura mestiça (nacional) atrasou também o debate nacional sobre a implantação do multiculturalismo no sistema educacional brasileiro (MUNANGA, 2003, p.13).

A obra de Freyre era, na verdade, mais um elogio à oligarquia dominante, pela construção de uma civilização sem distanciamento social, quando, ao contrário disto, a cor negra era tão estigmatizada que a diferença

de pigmentação da pele era elemento distintivo entre os próprios escravos. Quanto mais clara mais o escravo poderia adquirir ascensão social, principalmente entre os escravos domésticos, escolhidos, pelo estereótipo definido de beleza, inteligência e higiene. Este fato desenvolveu o desejo dos negros em branquear, afastando-se até mesmo dos valores africanos, tendo como objetivo ascender socialmente.

Assim como no período escravocrata este desejo ainda é uma realidade contemporaneamente, ou seja, negros ou negras ainda buscam parceiros de pele mais clara para que seus descendentes consigam chegar a um patamar de vida melhor, pois acreditam que se seus filhos tiverem a pele mais clara serão mais bem aceitos na sociedade que eles, numa tentativa de poupar seus descendentes dos percalços sofridos por eles mesmos. Mas é provável que seus descendentes ainda tenham que enfrentar o preconceito. Uma das colaboradoras da pesquisa declara com clareza esse desejo de clarear sua descendência. Esta fala será detalhada mais a frente.

Este desejo é reflexo das situações discriminatórias as quais os negros são submetidos. A discriminação é revelada quando o preconceito gera uma atitude que

2.2 A vivência do invisível

Com o fim do sistema escravista a discriminação não foi abolida, pois a abolição não significou a inserção dos descendentes de negros escravizados na sociedade, não lhes garantiu o acesso ao mercado de trabalho, ao sistema educacional, à moradia digna etc. Os negros continuaram a viver em condições subumanas. E quando se pretendia usar de mão-de-obra livre davam preferência aos imigrantes europeus, e aos negros restavam os trabalhos mais “braçais”. A cor passou a definir a posição social. Os negros que ascendem socialmente crescem às duras penas.

A partir do século XIX o Estado estimulou o ingresso de europeus no Brasil, desenvolvendo-se um processo de branqueamento, mascarando as origens negras e indígenas para que a nação se tornasse branca ocidental, pois, segundo a visão escravocrata, somente assim o país se habilitaria para o desenvolvimento econômico e para o progresso.

A manifestação comportamental do preconceito racial, por atitudes que limitam o campo de inserção social e privilegiam um grupo específico, é denominada de discriminação, que tem como consequência a desigualdade racial trazendo prejuízos para o desenvolvimento humano pleno dos discriminados (SILVA, 2000, P. 8).

Os termos legais, legitimados pela Constituição brasileira de 1988, que apontam direitos individuais e coletivos, definindo crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, fundamentam a construção de política fundiária baseada no respeito aos direitos territoriais dos grupos étnicos minoritários, garante a liberdade religiosa e cultural etc. Porém, as estatísticas e o cotidiano brasileiro indicam o não cumprimento destes direitos.

Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceitos de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional (Art. 1º, Lei nº 9.459 de 13/05/1997)

Assim, admiti-se que a sociedade encontra-se estratificada, perante as desigualdades, nas diversas esferas das relações sociais estabelecidas, podendo-se então, serem distinguidas as classes sociais, frutos desta estratificação, sendo determinadas pelo padrão de vida proporcionado pelo *status*, ocupacional e econômico, dispondo-se hierarquicamente numa escala. Portanto, segundo Stavenhagen (1977), as classes sociais estão ligadas à evolução e ao desenvolvimento da sociedade. Pode-se, ainda, dizer que classes sociais

... são os agregados básicos de indivíduos numa sociedade, os quais se opõem entre si pelo papel que desempenham no processo produtivo, do ponto de vista das relações que estabelecem entre si na organização do trabalho e quanto à propriedade (SANTOS, 1982, p. 41).

Em *A integração do negro na sociedade de classes* (1978), Florestan Fernandes analisa a situação do negro após a abolição e denuncia os efeitos da transição da sociedade escravista para a sociedade de classes.

[...] as motivações e as orientações do comportamento social do 'negro' em suas manifestações individuais ou coletivas, são calibradas e dirigidas pelo afã de 'pertencer ao sistema'. As críticas que ele faz à organização da sociedade brasileira afetam a esfera dos ajustamentos e das relações raciais. (FERNANDES, 1978, op. cit., p.12)

Segundo o INSPIR (Instituto Sindical Interamericano Pela Igualdade Racial) a discriminação racial sobrepõe-se à discriminação por sexo ainda hoje quando se trata de mercado de trabalho, dificuldade que somada à discriminação de gênero potencializa a dificuldade em que vivem as mulheres negras. E quando se trata do tipo de trabalho o mesmo Instituto aponta que a proporção de trabalhadores com ocupações não qualificadas ainda está entre os negros e que estes são os que ingressam prematuramente no mercado de trabalho, em geral pelo precário padrão de vida. "Entre os negros. 24% a 30% estão em ocupações não qualificadas, enquanto entre os não-negros essas proporções variam de 10% a 17%, conforme a região" (INSPIR, 1999, p.121).

Haja vista que, de acordo com o último censo demográfico de 2000 do IBGE, fora o continente africano, o Brasil é a segunda maior nação negra, formado por 169.799.170. Desses, 83.576.015 homens e 86.223.155 mulheres; a população negra brasileira é evidente no país. A composição racial brasileira, com base neste censo, tinha a configuração de: 53,4% brancos; 38,6% pardos; 6,1% pretos; 0,5 amarelos e 0,4% indígenas. Assim a soma dos cidadãos que se declaram negros (os pretos e pardos) representa 44,7% da população do nosso País, quantificando mais de 80 milhões de brasileiros.

Mas mesmo com o histórico escravocrata há quem diga que no Ceará não existe negro. No início do século XIX, a presença de afro-brasileiros já era significativa nas terras cearenses, onde negros e pardos libertos somavam 60,7% de uma população total de 77.375 habitantes. Neste universo, a população negra e parda cativa, somava 12.254, ou seja, 15,8% da população (FUNES, 2000, p.104). Assim como no restante do País, o processo abolicionista foi duro para os negros e mulatos que eram homens livres, mas com oportunidades fechadas de ascensão social, foram se aglomerando nas periferias, nas favelas às margens da sociedade. Negaram-lhe o direito à dignidade e à cidadania legitimando sua exclusão social.

Costuma-se afirmar com uma veemência tão grande, que no Ceará não tem negro, que chega a dar a impressão de que sentem orgulho ao bradar esta afirmação. No entanto, a negritude que está camuflada na pele “morena” é o bastante para atitudes discriminatórias e até mesmo para olhares de desconfiança.

O que causa estranhamento é a inversão dos dados estatísticos que a partir dos anos 70, Jacques Lambert (1973) já concluíra que a população brasileira, depois de ter constituído no princípio do século XIX, uma pequena minoria (25%), os brancos constituem atualmente a grande maioria, 60%, no entanto esta estatística traduz um fenômeno sociológico e não biológico. Este fenômeno se deve ao fato de que durante a escravidão o branco era muito criterioso quanto à classificação, no entanto a qualificação negra após a abolição tornava-se dolorosa de se afirmar, sendo evitada.

Como exemplo disto, podemos, por meio da internet, visualizar páginas pessoais de associados em um mesmo sistema de rede, denominado de *orkut*, pois em geral a foto do dono do perfil está exposta, nela a pessoa pode fazer uma auto-descrição, uma das características pessoais abordadas é sobre a etnia; percebe-se a mínima porcentagem de pessoas que escolhem a opção afro descendente (negro). E em contrapartida está o enorme número de pessoas classificadas como caucasiano (branco).

Azevedo (1975) assinala que mesmo quando ascendem profissionalmente os negros são alvo de uma ‘mobilidade seletiva’, pois são aceitos em determinados espaços e têm o acesso vetado em outros. Isto porque, face à ameaça que representam à estabilidade das posições na estrutura social, são criados novos mecanismos discriminatórios pelos braços para que garantam *status quo*. Os negros, segundo o autor, reagem de diversas maneiras, principalmente através do retraimento ou da restrição do convívio com os brancos ao espaço do trabalho e de forma conjugal.

2.3 Mulheres negras e a família nuclear.

Tendo-se destacado a família como primeiro *locus* de relações sociais historicamente construídas, registra-se que na família brasileira introduziu-se uma espécie de “sombra da senzala” tanto sobre a vida sexual como na sua caracterização como expansivos, plásticos, espontâneos e adaptáveis, comportamento já atribuído aos escravos africanos (FREYRE, 2002).

A família no Brasil, em particular, traz diversas influências diretas ou indiretas do povo africano. No período colonial a escrava que era ama de leite, babá, que expressava afeto pelos que chamavam de *inhô-inhô* e *ιά-ιά*, era violentada sexualmente pelos senhores e também por seus filhos, iniciando-se daí o processo de miscigenação. Com o objetivo de satisfazer os desejos daqueles que eram seus donos, sendo tratadas como objetos não podendo recusar-se. E muitas acabavam cedendo à execução do ato sexual, pois assim podiam ter a possibilidade de alimentarem-se melhor e trabalharem dentro da casa grande. Destes estupros eram gerados os filhos mestiços. Como os senhores não o reconheciam como filhos legítimos apenas os apadrinhavam e os tornavam seus afilhados, no entanto, ainda escravos. Daí começava a reproduzir-se o modelo de família negra mononuclear, constituída pela mulher negra e seus filhos, sendo ao longo da sua história o pilar da família (FREYRE, 2002).

A essa história de pobreza e marginalização, foi interiorizada a condição de inferioridade e muitas vezes inibiam a reação e a luta contra a discriminação sofrida por essas mulheres. A importância disto é a soma da questão de gênero, que já é em si um complicador, à da raça, significando maiores dificuldades. Isto significa que ser negra no Brasil, no âmbito geral, é viver em condição de extrema desigualdade social e racial. Portanto a mulher negra é a mais pobre, menos escolarizada, e com o maior índice de solteiras e chefes de família.

A reprodução da idéia de que a mulher negra serve apenas para trabalhos domésticos e para prazeres sexuais, faz com que na contemporaneidade ela ainda tenha muito mais dificuldade na construção de laços matrimoniais que as mulheres brancas, o que acaba tornando o mercado matrimonial afetivo (além de outros aspectos) desigual. Estas mulheres são estigmatizadas com a marca do seu passado escravo. A reprodução deste conceito está estampada nas casas de famílias onde a mulher negra, que trabalha como doméstica; e nos pontos de prostituição, sendo o mesmo objeto que eram suas ascendentes escravas.

Tais práticas são fomentadas pelos estereótipos que estigmatizam a mulher negra como: sexualmente disponíveis dotadas de superexcitação, feias e pobres, quentes, carinhosas e sensuais. A violência sexual contra as negras, como no período colonial, continua romantizada, se reedita no imaginário social adquirindo novas roupagens. Esse imaginário traz sérias conseqüências como: baixa auto-estima, desvalorização, dificuldade no mercado matrimonial e afetivo, tendências nas mais jovens de iniciarem precocemente a sexualidade e engravidarem, e o fazem motivadas pelo desejo de permanecerem com o parceiro numa relação duradoura. (CANTUÁRIO, 2004, p.07)

O modelo de família ideal, conhecida por família nuclear, composta por pai mãe e filhos acaba por gerar uma pressão, pois é apontada como o caminho a ser seguido. Daí o descontentamento, as frustrações, rompimento de valores, que geram como conseqüência o sentimento de culpa ou fracasso (CALDERON, 1993).

Pela visão contemporânea a família – depois de passar por modificações diversas – apresenta-se como grupo solitário constituído de pais e filhos, que se separa da sociedade e do mundo num processo de privatização da vida familiar (CALDERÓN, 1993, p. 22).

No contexto privativo os preconceitos, em geral, são manifestados na educação familiar, mediante a construção e propagação de um sistema de estereótipos, em relação a certos grupos étnicos, sendo transmitido em cada geração, que os reproduzia nos contatos sociais.

2.4 As manifestações do racismo

Abrangendo a discriminação, a hostilidade, o preconceito e a segregação, está o racismo que se manifesta em relação a um grupo racial/étnico e em três níveis: individual, institucional e cultural. No âmbito individual um membro de um grupo se julga superior a outro por pertencer ao grupo tido como superior, é o que mais se aproxima do preconceito racial; manifestado em instituições que são extensões daqueles que acreditam em um grupo superior, limitando suas práticas institucionais, discriminando os grupos de etnias consideradas inferiores pelo grupo estabelecido na instituição. O racismo cultural pode ser definido como a expressão individual e institucional da superioridade da herança cultural de uma raça em relação à outra (JONES, 1973, p.04-05).

No caso do Brasil, o enraizamento das idéias racistas deu-se durante os fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX, pelas teses de médicos, juristas, escritores, sociólogos e historiadores que buscaram comprovar a suposta inferioridade da população negra e que a sua predominância traria malefícios (JONES, 1973, p. 04 *apud* MARX, 1971, p.101).

Tal afirmação pode levar a hipótese de que os brancos europeus pela necessidade de sobreporem-se garantindo seus poderes e privilégios fortaleceram as teorias racistas tentando negar a humanidade dos afros descendentes e enaltecer a sua própria etnia e seus valores, impondo-os como verdades absolutas. Como resultado disso teve tamanho genocídio acompanhado de etnocídio durante toda a colonização, deixando marcas tão profundas que depois de tantos anos os mesmos povos que sofreram desde o início do período colonial até a abolição, deixaram como herança para os seus descendentes um futuro cheio de humilhações e frustrações; por viver em uma sociedade desigual e injusta onde a cor torna-se um “parâmetro” para medir beleza, inteligência, honestidade ou mesmo dignidade.

Para a 1ª Conferência Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, realizada no Distrito Federal, nos dias 11 a 13 de maio de 2005, haviam sido eleitos alguns delegados do Estado do Ceará para participarem do evento. Segundo o depoimento de um dos que foram escolhidos para esta delegação, que prefere não se identificar, dentre as pessoas que haviam sido eleitas a maior porcentagem era de negros, em seguida de indígenas e poucos brancos. O transporte concedido foi um ônibus, o qual não havia banheiro, para uma viagem de três dias, sem nenhuma ajuda de custo e poucos teriam hospedagem. Este é um exemplo claro de discriminação e a falta de compromisso com um evento desta proporção, onde vemos o descaso para com a população negra.

É muito comum também a rejeição às religiões africanas, que geralmente são vistas como inferiores, com rituais demoníacos, cheia de superstições. E mesmo quando a valorizam é folclorizada, como é o caso de quem vai à viagem de turismo à Bahia, um Estado brasileiro conhecido pelo sincretismo religioso; a cultura negra é citada geralmente pelos seus aspectos culinários e musicais, definida como exótica.

Segundo Harris em *Padrões raciais nas Américas* a referência a um indivíduo é seguida por último por sua classificação racial, ou seja, “ele é rico, instruído e branco”, ou “rico e instruído e homem de cor” (1967, p.96). Atualmente houve uma modificação na etiqueta de relações raciais: ou se é “rico(a)”, “bonito(a)”, “inteligente” e, conseqüentemente “branco(a), ou “negro(a), mas rico(a)”, “negro(a), mas boa pessoa”, “negro(a), mas educado(a)” ou “negro(a), mas bonito(a)”.

2.5. Qual o problema?

De acordo com as manifestações comportamentais do preconceito; como atitude de distinção, restrição ou preferência baseada em algum aspecto,

como cor, raça, origem étnica orientação sexual, gênero etc; e que promove a exclusão dos indivíduos considerados diferentes, dentro da esfera das famílias, buscou-se compreender como se dá o processo discriminatório nas relações afetivas conjugais inter-raciais com brancos e negros.

A exclusão de indivíduos encontra-se em diversas esferas, tratando-se especificamente da esfera afetiva, no estudo do relacionamento entre brancos e negros, foram alistados os fundamentos subjetivos como a dinâmica das relações sociais, onde estão inclusos os valores e as crenças. Decodificando os seus significados embasados nos dados quantitativos e qualitativos, pressupondo-se que haja uma melhor compreensão da problemática apresentada.

Nas relações sociais do Brasil, o casal visivelmente inter-racial provoca estranhamento por parte das pessoas, ou até mesmo incômodo, sentimento denunciado por “discretos” olhares ou, não necessariamente, primem pela discriminação. Diferentemente dos norte-americanos, o racismo brasileiro percebe antes a coloração da pele que a origem étnica. Portanto, o choque cresce a proporção da visibilidade dos traços “afros”. Azevedo (1996[1953]) em *As elites de cor numa cidade brasileira* conclui que a “cor preta” é um símbolo de status inferior e que mesmo entre pessoas da mesma classe se constitui num traço diferencial negativo: “Funcionando a cor e os traços somáticos, em grande parte, como símbolos de status, a resistência aos inter-casamentos traduz ao mesmo tempo preconceitos de classe e raça, ou melhor, de ‘cor’.” (op. cit., p.78) Assim, a cor, numa relação inversamente proporcional à posição social, assume valor negativo, ou seja, quanto mais escura é a cor da pele menor é o status do indivíduo nesta sociedade.

É pertinente após tal afirmação o questionamento: Por que a expressão do preconceito racial apresenta-se mais ligado à cor que à origem no Brasil.

Como não existem nas nossas camadas populares as repulsas instintivas que, nos Estados Unidos, separam os americanos brancos dos americanos de cor, o que nos permite acreditar numa solução pacífica desse problema entre nós pelo desaparecimento lento e gradual

da sua causa pela mistura contínua dos vários sangues de que se compõe o sangue nacional (IANNI, 1972, p. 74).

Esta mistura lenta e gradual que Ianni se refere, trata-se da miscigenação contínua que existe no Brasil com intuito de embranquecimento da população negra, mascarando assim a afrodescendência e inserindo-a no grupo dos brancos. Com o repetido argumento que todos os brasileiros têm sangue negro e que por isso não devem ter preconceito. Como se tivesse que aceitar por “ser o jeito”.

Ao tratar da mestiçagem em seu livro *Democracia racial: ideologia e realidade*, Azevedo (1975) levanta algumas hipóteses sobre o casamento inter-racial:

- Entre os grupos não-brancos o casamento inter-racial é mais aceito devido à identidade de classe existente entre eles (brancos=ricos, pretos e pardos=pobres);

- A aceitação do par homem negro/ mulher branca é maior devido à regra de matipolaridade, que garante à prole a enculturação nos valores, nas regras de etiqueta e na estrutura de relações da mãe, o que não provoca a “queda” do componente branco do casal e assegura uma ascensão ao componente negro, que passa a se situar num status superior. O homem negro é melhor aceito como par quando tem status superior ao da esposa branca, o que serve para “compensar” a diferença entre os dois.

- Os casamentos mais aprovados são aqueles que ocorrem entre brancos e mulatos, que são “indivíduos de características antropofísicas não muito distantes” (op. cit. , p.63)

A dificuldade na busca de uma relação estável, para os negros, é estatisticamente comprovada quando no censo de 2000 (IBGE), a pessoa definida como preta casa-se em geral mais tarde, com idade média de 23,4 anos para as mulheres e 26,3 anos para os homens; enquanto os identificados como pardos, casam-se com idade média de 22,5 anos para as mulheres e 25,4 para os homens. Há também aqueles que nunca chegam a se casar, entre os quais 7,8% se intitulam como pretos; 5,5% como pardos e 5,2% como brancos. Podendo-se afirmar, portanto, que o casamento civil ainda é um privilégio para os brancos (IBGE, 2000).

Como consequência, a maior parte dos casais são endogâmicos, ou seja, os cônjuges são da mesma cor, sendo o nível de endogamia de 65% em um país de enorme mistura racial. Os casamentos formais inter-raciais representam apenas 35% do total (IBGE, 2000).

Ao analisar o casamento inter-racial nas décadas de 80 e 90, Petrucelli (2001) compara dados das Pesquisas por Amostra de Domicílios (PNADs) de 1987 e 1998 e chama atenção para as taxas de endogamia, observou-se que o grupo dos pretos apresentou as menores taxas de endogamia (60,7%) e os grupos dos brancos as maiores taxas (83,2%). Os pardos apresentaram uma taxa maior que a dos pretos 72,7%, o que nos mostra que mesmo no grupo dos pretos onde há a menor porcentagem de relacionamentos endogâmicos estes ainda são a maioria. Mostra-nos também que os pretos são os que mais assumem relações inter-raciais.

Existe assim, uma interdição, mesmo que na forma de tabu, dos casamentos ou uniões inter-raciais, pois se um negro se relaciona com uma branca, é dito que ele é apenas mais um conivente a perpetuação do branqueamento social, ou seja, pretende ascender socialmente. Ou se uma branca se relaciona com um negro logo é questionada quanto ao que ela realmente sente por ele.

Florestan Fernandes (1978) afirma que o objetivo da interdição aos casamentos inter-raciais era “impedir a mobilidade social vertical – a passagem do ‘negro’ para a condição de ‘gente’ ou de ‘pessoa respeitável’” (op. cit., p.323-24).

Na dramatização da história da escrava Xica da Silva com o contratador de diamantes João Fernandes em forma de telenovela e em filme. Xica sendo escrava viveu maritalmente com o homem mais poderoso do Arraial do Tijuco, o que causou a revolta tanto dos brancos fidalgos quanto dos negros, os quais viviam no quilombo onde Xica morava anteriormente. Os fidalgos consideravam uma afronta que uma negra fosse a esposa de um homem com um cargo de tanto prestígio, e que devido a isso deveriam

respeitá-la (pelo menos à frente do contratador) tanto quanto a qualquer fidalgo. Os negros do quilombo se revoltaram com a atitude da antiga moradora do quilombo, pois afirmavam que ela estava negando suas raízes e desejava viver como uma branca fidalga.

A história de Xica da Silva se repete, com as devidas adaptações do tempo, constantemente. E é expressiva a predominância do preconceito de cor, quando em uma família de “brancos” alguém opta por relacionar-se com uma pessoa negra. O contraste de tons de pele causa impacto na sociedade brasileira, mesmo sendo um País tão mestiçado, ou seja, poucos têm descendência de uma única etnia. Esta conduta é perpetuada desde o período colonial. Afirma Gilberto Freyre em *Casa grande e senzala*: “a branca pra casar, a mulata pra f...., e a preta pra trabalhar” (FREYRE, 2002, p. 85).

È intrigante como esta situação é colocada de forma naturalizada, sendo o preconceito negado ou visto brandamente com uma aparente harmonia racial. Empiricamente, quase a totalidade acaba afirmando o fato da existência do racismo no País, mas é sempre atribuído a terceiros.

Em 1995, pesquisa do DATAFOLHA constatou que 89% dos entrevistados disseram que no Brasil havia preconceito de cor em relação aos negros e paradoxalmente, 88% dos mesmos entrevistados afirmaram que não tinham preconceito em relação aos negros. Em 2003, pesquisa da Fundação Perseu Abramo, colheu que 91% dos entrevistados reconheciam que existia preconceito de cor em desfavor dos negros, porém 96% negaram que eram preconceituosos em relação aos negros (COSTA, 2006, não pag.)

É constatado que atitudes preconceituosas não são apenas manifestadas nas classes de sujeitos sem acesso a um bom nível intelectual. Espaços como as universidades estão repletas de pessoas de alto nível intelectual, e o preconceito também é reproduzido de forma aleatória, como se fosse integrante da cultura social. É instigante, portanto, saber qual a compreensão dos casais, e pessoas que mantiveram relacionamentos interraciais, de Fortaleza sobre o racismo e como suas famílias reagem ao encontro de etnias? A partir da descoberta da compreensão do racismo pelos casais, este se configura como um problema?

Tais indagações revelam a relevância deste estudo no que concerne ao despertar da consciência dos indivíduos, sobre seus valores condicionados pela reprodução de conceitos pré-concebidos que fazem com que haja uma manifestação de repúdio pelos que apresentam padrões distantes dos estipulados como estéticos, atribuindo-os assim, caráter de inferioridade.

Dessa forma, não há como discordar que um dos problemas mais urgentes atualmente enfrentados pelas chamadas sociedades modernas, em diversas partes do mundo, é o desafio estabelecido entre povos e nações de conviver com a diversidade, encontrando dificuldades na criação e implantação de políticas sociais que promovam uma verdadeira harmonia na convivência e nas relações entre pessoas de diferentes origens étnicas.

Dentro do estudo em questão, foram analisados casais de diferentes classes sociais, desde aqueles que possuem um padrão elevado de vida àqueles aos quais lutam para sobreviver dentro da sociedade de classe. Em análise consistente, fez-se o estudo tanto daqueles que têm acesso aos bens essenciais à vida, e à uma educação formal, dentro das possibilidades, qualificada, com dos que, prejudicados pela desigualdade de classes, não tiveram tais **oportunidades**.

Quem são os sujeitos da pesquisa?

Apresentarei os sujeitos da pesquisa narrando a história em que desenrolaram os relacionamentos traçando os perfis socioeconômicos de cada um, como conheceram seus pares, assim como o perfil familiar. Que nos esclarecerá os aspectos simbólicos relacionados ao posicionamento de suas famílias perante os relacionamentos.

Reforçando os dados fornecidos no capítulo anterior, o perfil etnográfico da pesquisa integra nove entrevistados dentre estes estão casais e pessoas que já viveram relacionamentos inter-raciais. Dentre estes entrevistei dois casais, três mulheres que se sentiram mais a vontade em falar sem os seus companheiros, uma mulher e um homem que mantiveram relacionamentos que classificam como inter-raciais. Durante todo o texto serão utilizados nomes fictícios.

Apesar de não ter todos os pares dos entrevistados, podemos supor que entre todos esses entrevistados teríamos oito casais, dentre estes apenas dois foram entrevistados juntos. Destes, três seriam de pares homem 'negro'/ mulher 'branca'⁴ e cinco seriam de mulher 'negra'/ homens 'branco'. Quatro pares têm convívio matrimonial, destes um vive em união consensual e os outros três são casais unidos formalmente. Cinco destes pares, segundo os entrevistados, passaram por algum conflito familiar por conta do relacionamento. Cinco dos entrevistados disseram que houve problemas de aceitação pela família, Cinco mantém uma relação inter-racial estável, enquanto quatro terminaram a relação. Dentre os entrevistados só foi detectado que a mulher era mais velha no par homem "negro" / mulher "branca".

⁴ 'Branco' e 'Negro' são considerados aqueles que assim classificaram-se.

Dentre a maioria dos entrevistados o homem da relação é mais velho que a mulher, no entanto dentre os três casais em que o par era mulher 'branca'/ homem 'negro' em dois deles a mulher era mais velha.

Apresentando os sujeitos da pesquisa para preservar suas privacidades usaremos nomes fictícios. Começo pelo casal que consegui entrevistar os dois ao mesmo tempo, a Dona Elisa e o Senhor Benedito. Ela tem 55 anos, é dona de casa, tem o ensino fundamental completo, considera-se católica, tem 4 filhos e classifica-se como negra. É casada com o Senhor Benedito que tem 59 anos, sua escolaridade também é o ensino fundamental, é caminhoneiro, também católico e classifica-se como de cor branca. A renda média familiar é de R\$1500,00.

Outro casal entrevistado foi a Dona Laura e o Senhor Clemente. Ela tem 55 anos, é dona de casa, tem o ensino médio completo, é católica, tem três filhos, e classifica-se como branca. O senhor Clemente tem 57 anos, é técnico de informática, tem o ensino médio completo, é católico, e classifica-se como negro. A renda média familiar é de R\$5.000,00.

Não foram viáveis algumas entrevistas com ambos os cônjuges. Como foi o caso da Dona Tereza, ela disse que seu marido não gosta de falar da intimidade da família. Achou que fosse melhor ela mesma responder às perguntas. Dona Tereza tem 50 anos, é católica, tem o ensino superior completo, é médica, tem 3 filhos, classifica-se como negra e é casada com um homem branco. A renda da sua família disse que é em torno de R\$10.000,00.

Amália foi outra colaboradora que achou melhor não fazer a entrevista com o seu marido, pois ela tem vergonha, disse que tem certeza que ele ia mascarar muita coisa. Ela tem 45 anos, não completou o ensino fundamental, disse que sua profissão é ser empregada da casa que ela mesma mora juntamente com o companheiro, a sogra e o cunhado. Tem 4 filhos do primeiro casamento, mas não mora com nenhum deles, cada um já está com seus respectivos companheiros, disse que foi batizada na igreja católica mas não pratica, é seu segundo casamento é se classifica como negra.

Priscila tem 24 anos, é estudante universitária de química, não tem filhos, mora com os pais, se classifica como mulata, seu noivo é branco e a renda média familiar é de R\$5.000,00.

Camila tem 28 anos, tem o ensino superior completo, é farmacêutica, evangélica, tem um filho, é solteira, porém já manteve um relacionamento que classifica como inter-racial, mora com os pais, classifica-se como branca e tem renda média de R\$1.000,00.

Por último o Deoclécio. Ele tem 24 anos, é estudante universitário de informática, não possui religião, não tem filhos, classifica-se como negro e está solteiro, mas, assim como Camila, manteve um relacionamento inter-racial por dois anos. Mora com sua mãe e a renda familiar é de R\$2500,00.

Após apresentar as características de homens e mulheres em comparação, apresento a seguir perfis resumidos dos entrevistados, que nos apresentará elementos fundamentais para a análise de suas representações.

ENTREVISTA 1 (CASAL : LAURA E CLEMENTE)

Este casal é formado por Laura “branca”, e Clemente “negro”. Ambos encontram-se na faixa dos 50 anos. No entanto Laura é mais velha. Laura é aposentada e ultimamente cuida da casa e tem nível médio de escolaridade. Clemente trabalha como técnico de informática e também tem nível médio de escolaridade. Ambos são católicos. O casal tem três filhos e são casados há trinta anos. A renda média familiar é de R\$5.000,00.

Laura por ser muito decidida quando queria namorar um rapaz ela mesma fazia de tudo pra que acontecesse, e dentro de casa sempre se impôs mesmo que tivesse opinião contrária à da sua família. Disse que seu avô era muito tradicional. Já o Clemente era mais contido, era tímido. E não tomava muita atitude. A família de Clemente era mais pobre que a de Laura.

Antes de se aposentar Laura trabalhou na mesma repartição que Clemente e foi lá que se conheceram. Antes de namorarem, ambos eram comprometidos. Laura namorava um rapaz da sua família que todos achavam um modelo de namorado, branco, alto, bonito, trabalhador. E Clemente namorava outra moça também branca.

Começaram a conversar, foram ao cinema juntos e ficaram amigos. Ele a presenteava com livros, pois Laura sempre gostou de ler. Começaram a se comunicar por telefone também, além do trabalho. Até aí ambos ainda comprometidos com pessoas diferentes. Laura foi quem primeiro se declarou. E namoraram um tempo escondido e quando contaram para a família dela tiveram problemas e mais uma vez Laura disse que queria casar logo e assumirem de vez a relação. Então se casaram.

Tiveram três filhos que eles classificam dois como brancos e um como moreno.

ENTREVISTA 2 (CASAL: ELISA E BENEDITO)

Este casal é formado por Elisa “negra” e Benedito “branco”. Ambos estão situados a faixa etária que vai de 52 à 58 anos. Elisa é dona de casa, tem nível fundamental de escolaridade e Benedito é caminhoneiro e também tem nível médio de escolaridade. Ambos são católicos. O casal tem 4 filhos e estão juntos há 31 anos. A renda média familiar é de R\$2.000,00.

Conheceram-se na Igreja. Em grupos de jovens. Clemente disse que sempre se sentiu atraído por mulheres “morenas”. Nunca gostou de mulher “branca”. Disse que quando viu Elisa ficou doido por ela. Elisa disse que foi muita paquera antes de namorarem. Quando assumiram o namoro a mãe de Clemente a apelidou de *negra do beijo de caçarola*. Namoraram durante 2 anos. Só foi respeitar Elisa quando realmente percebeu que seu filho iria casar-se com ela. E foi realmente se aproximar depois do nascimento do primeiro filho.

Foi o primeiro casamento de Elisa, mas foi o segundo de Benedito. Sua outra mulher ele disse que também era “morena”.

Elisa afirmou que nunca quis namorar homens negros, pois sempre pensava na cor que os filhos iriam nascer e imaginou que fossem ter problemas por isso. A filha que estava presente afirmou que também não se relacionaria com negros.

Quanto aos filhos do casal eles disseram que só tem uma mais “escurinha” os outros são “clarinhos”. Não narraram nenhum problema vivido pelos filhos.

Elisa pensa que quanto ao preconceito, o negro sofre mais mesmo é quando é pobre. Pois quando tem uma boa condição de vida, as pessoas não lembram que é “preto”. Citando o exemplo do Pelé.

ENTREVISTA 3 (TEREZA)

Tereza é casada, mas achou melhor não fazer a entrevista com seu marido, pois o mesmo tem pouco tempo livre.

Tereza é negra, tem 51 anos é casada há 22 anos e é médica. Ela e seu marido são católicos e têm três filhos. É uma família com uma boa condição financeira. Renda média familiar é de R\$10.000,00.

Eles se conheceram na faculdade. Ela disse que o paquerou primeiro. Disse que primeiro se sentiu muito atraída fisicamente por ele, mas depois as coisas foram mudando e a cada dia se sentia mais ligada a ele.

Ela que se apresentou. Conversavam, e acabaram estudando juntos também. Começaram a namorar. E Tereza disse que não passou por problemas na família dele e também não passou perante a sociedade. Namoraram quatro anos. Casaram-se quando ambos já estavam trabalhando. Mas disse que conhece casos em que houve sofrimento nesse aspecto. E acha esse tipo de preconceito muito cruel pois as pessoas perdem, com isso, a oportunidade de viverem uma relação verdadeira.

Ela disse quem tem um casal de filhos “brancos” e uma filha “morena”.

Tereza acredita que o maior preconceito é quando um branco casa com uma mulher negra muito pobre. Porque sempre acusam a mulher de está com o homem por interesse.

ENTREVISTA 4 (AMÁLIA)

Amália vive uma união consensual com um homem “branco”, ela é “negra”,mas não pude fazer a entrevista com o companheiro porque ela ficou muito envergonhada.

Ela tem 41 anos, tem 4 filhos do primeiro casamento, com um homem negro, tem o ensino fundamental incompleto de escolaridade e não tem religião.

Amália sempre trabalhou de empregada doméstica, hoje se sente empregada da casa do seu companheiro. Ela o conheceu na porta do seu último trabalho. Ela disse q no começo foi muito bom. Ele sempre ia atrás dela no trabalho. Saíam pra conversar, tomar uma cerveja juntos e namorar. Depois ele a chamou pra morarem juntos e ela deixou seu ex marido e a sua casa e foi morar com seu atual companheiro. Ela disse que no começo ele a tratava muito bem, mas depois começou a falar da sua ex-loura ai ela disse que ele não a respeitava mais. Começou a dizer que não gostava de negra, que sempre gostou de mulher branca e loura. Quando ela ameaçava sair d casa ele não a deixava. Aí então ela percebeu que estava sendo a empregada da casa do seu próprio companheiro. Até porque ela ganhava como se fosse uma mesada todo fim de mês. Não tem filhos com o atual companheiro.

Disse que não sabe por que vive com ele ainda. Mas disse q não consegue sair de lá. Disse que gosta da mãe dele e tem pena, porque o irmão dele é alcoólatra. E ela diz que ainda sente algo muito forte por ele, mesmo depois de tudo isso.

ENTREVISTA 5 (PRISCILA)

Priscila se identifica como “negra” e vive um relacionamento já se caminhando para o casamento com um rapaz “branco”. Está noiva, tem 23 anos, é católica, tem nível superior incompleto, é estudante e também professora particular, não tem filhos mas pretende ter dois e a renda média familiar é de R\$3.000,00.

A entrevistei sozinha. Ela preferiu que a entrevista fosse em minha casa, pois não queria revelar suas intimidades para seus pais. Seu pai é aposentado e sua mãe é professora.

Priscila contou como conheceu seu noivo. Os dois estudam na mesma faculdade, mas em cursos diferentes. Tinham alguns amigos em comum, e em uma festa da faculdade foram apresentados. Ela disse que foi afinidade à primeira vista. Conversaram bastante desde que se conheceram. Trocaram telefone e mantiveram contato. Com o tempo a amizade foi se estreitando de tal forma que, segundo ela, não teve mais como evitar, ela disse q se apaixonou antes de começarem a namorar.

Ela me disse que nunca se relacionou com um homem “negro” e acha que isso se deve ao meio em que frequenta em que a maioria das pessoas é de cor clara. Mas disse que esse foi o seu primeiro relacionamento em que o rapaz não ficou com ela por curiosidade de ficar com uma mulher “negra” ou “mulata”. Disse que diferente dos outros, seu noivo realmente está construindo uma relação séria com ela.

Afirma que tanto na família, principalmente da parte dele, como no meio social enfrentam preconceito, por conta disso se isolaram de alguns amigos antigos.

ENTREVISTA 6 (DEOCLÉCIO)

Deoclécio se classifica como “negro”, tem 23 anos, é solteiro, tem nível superior incompleto, não tem religião e a renda média mensal da sua família é de R\$3.000,00.

Deoclécio namorou há dois anos com uma mulher “branca”. Conheceram-se em uma festa de faculdade. Começaram a se comunicar por e-mail e telefone. Então combinaram de sair mais vezes juntos e um dia “ficaram” com o tempo a relação estava caminhando para um namoro. E sua namorada finalmente resolveu lhe apresentar à família dela. Disse que todos tentaram ser muito educados, mas percebia certa distância. A mãe, apesar de estar sorrindo, apertou sua mão sem muita aproximação. Notou que não agradou muito. O pai lhe fez um interrogatório, até então tudo bem, se não fosse o outro episódio, quando foram na casa de uns amigos pra conversar e o pai da moça chegou lá dizendo palavras absurdas. Deoclécio fala com constrangimento. Mesmo assim continuaram namorando, mas sempre com várias dificuldades, só que como a família dificultava para os dois saírem juntos, e depois do aconteceu, do constrangimento que passou, tudo foi mudando até acabar, a relação durou um ano e meio.

Deoclécio nunca namorou mulheres negras, porque elas nunca deram “cabimento” a ele. E disse ter orgulho da sua raça. Mas disse que nunca passou tanto constrangimento como nessa relação. Que passou por problemas tanto na família como no meio social. Percebia que pessoas olhavam com estranhamento quando eles passavam pela rua juntos.

Deoclécio acredita que esse preconceito não vai acabar tão cedo. E que tentou não se abater quanto a isso, mas que é muito difícil. A sociedade não quer conviver com o diferente, segundo ele. E faz de tudo para manter as “regras”.

ENTREVISTA 7 (CAMILA)

Camila se classifica como “branca”, tem 26 anos, nível superior incompleto. Tem um filho, é evangélica, e a renda média mensal familiar é de R\$2.000,00.

Camila relatou a história da relação inter-racial que ela manteve quando tinha 16 anos. Conheceu o rapaz que na época tinha 24 anos na escola em que estudava, ele era seu professor. Fora da escola ele chegou perto e começou a conversar e disse que dentro de pouco tempo estavam namorando. Afirmou que a princípio sua família não manifestou nenhuma reação, mas depois tratavam como se ele nem tivesse nome, era identificado sempre como o “negão”. Mas afirmou que as maiores dificuldades enfrentadas foram em relação a ele mesmo. Pois como ele já vinha de uma família inter-racial, sua mãe é negra e o pai branco, ele não se identificava como braço. Sempre dizia que não era negro. E que na verdade tinha uma aversão a negros. Falava sobre negros como se fosse uma realidade bastante distante da dele.

Camila disse que ele disse várias vezes que não sentia a mínima atração por negras. Era como se, se ele se relacionasse com uma negra ele tivesse que afirmar que era negro e isso ele não queria. Ela acredita que isso venha da mãe dele, pois ela mesma dizia que não gostava dos homens da cor dela. Imaginava que cor seriam os filhos.

Ele tinha um ideal na cabeça dele que não se dissociava do físico, segundo Camila. Sem ela se dá conta ele foi planejando toda a vida deles. Disse que ela já entraria na faculdade grávida, pois era muito ciumento.

O relacionamento acabou depois de 2 anos, porque ela descobriu que ele a tinha traído com outra, que por sinal também é branca.

ENTREVISTA 8 (JOANA)

Joana diz que é “morena”, mas diz que sabe que tem origem “negra”, tem 26 anos, tem nível superior incompleto, é estudante, tem como religião a evangélica e a renda média mensal familiar é de R\$3.500,00.

Joana contou a história o relacionamento inter-racial que manteve durante 1 anos e 8 meses. Contou que se conheceram na universidade, mas faziam cursos diferentes. Ela disse que ele sempre teve uma boa condição de vida, mas não era esnobe. Quando se conheceram, passaram a encontrarem-se todos os dias na hora do intervalo das aulas. Trocaram e-mail e telefone e “ficaram” a primeira vez na faculdade mesmo. Depois começaram a namorar, mas demorou pra ela ir à casa dele, pois ele já sabia que ia ter rejeição por parte dos seus irmãos. Mas ele ia à casa dela toda semana. Era muito educado, a mãe dela sempre gostou muito dele. Depois de alguns meses que estavam namorando ele sofreu um acidente. Passou quase quatro meses de cadeira de rodas. Eu tentei ficar do lado dele nesse período mas nessa época os irmãos dele me afastaram da família, pois como ele estava em cadeira de rodas não tinha liberdade de ir onde quisesse, então não tinha força para enfrentar os irmãos naquele momento. O irmão dele falou na frente dela que “gente negra não era pra ficar com gente branca”. Por isso passaram um tempo afastados. Quando ele estava melhor tentaram se reaproximar, mas sempre tinha muita dificuldade por causa da família dele.

Isso a deixou amarga para relacionamentos. Está namorando mas não consegue se entregar de verdade. Imagina que os outros não aprovam o seu relacionamento.

Representações das relações conjugais inter-raciais.

Neste capítulo veremos os significados que os sujeitos atribuem à cor negra, e à miscigenação no Brasil, apontando causas e formas de superação do preconceito racial.

... na sociedade brasileira, apesar da brandura do antagonismo racial e da ideologia assimilacionista concomitante do preconceito de marca, como mostrou Oracy Nogueira (1955, pag.423), o sentimento coletivo dominante é contrário às uniões heterocrômicas pelo casamento. (AZEVEDO, 1966, p.14)

Ao perguntar o que os entrevistados entendiam sobre o assunto, não alimentava a expectativa de que me apresentassem opiniões com caráter científico, pois o interessante era exatamente confrontar suas falas com pesquisas acerca desse tema.

Ao trabalhar com representação deve-se ter o cuidado de não tomar o discurso dos entrevistados como a expressão do seu comportamento. Pois temos como exemplo as entrevistas em que a pessoa se identifica como negra e quando fazia referência aos negros era como se não tivesse falando da própria realidade, como se a própria pessoa não se reconhecesse como tal.

Eu acho que os negros mesmos são racistas. O Pelé mesmo não quer uma negra do lado dele. Quer uma branca e loura. (Elisa, negra, casada com um homem branco).

Em muitas falas foram ditas a expressão “impureza racial do Brasil”. Todos os entrevistados afirmaram que nós somos “um povo mestiço”, que ninguém “é de raça pura”. A idéia de “pureza” como sendo inadequada para se utilizar como referência à população brasileira, dada a mestiçagem que caracteriza a nossa sociedade. Alguns entrevistados colocaram como uma “quase exceção” o Estado do Rio Grande do Sul, afirmando que ‘lá ainda se encontram “brancos puros”’.

Apenas uma entrevistada acredita que no Brasil não há preconceito racial por si só. Disse que ele sempre está atrelado à situação econômica.

Como experiência pra mim o preconceito racial no Brasil não se separa do econômico. Por exemplo, eu casei com o Clemente. Há 30 anos atrás a gente via isso. Como o Clemente não andava de carro e vivia no sacrifício a minha família não queria. Até hoje a gente nota que, quando a gente chega em um restaurante a presença é importante pela aparência e pelo que tem e não pela cor. O que pesa é o dinheiro e a aparência. Eu acho q é diferente dos Estados Unidos, que o negro pode ter poder econômico mas sempre tem aquela divisão. (Laura, Branca, esposa de Clemente)

No entanto a mesma entrevistada citou exemplo em que houve situação de discriminação com seu marido na família dela, em que fizeram referência à sua cor.

Quando ele foi lá em casa pra eu apresentar à minha mãe, até um presente ele levou pra ela, (e minha mãe é morena), quando eu entrei esta minha mãe disse...Eu não acredito que tu vai namorar este "nêgo"! Mas eu acho que se ele tivesse dinheiro ia ser outra história. (Laura, branca esposa de Clemente)

Dos entrevistados, oito associaram a causa do racismo à escravidão.

A causa do preconceito ainda vem dos escravos né? Você vê que hoje em dia ainda se a pessoa tem condição financeira, não ta bem vestido e é negro ela ainda vive como se a condição financeira dela não fosse nada, já o branco pode não ter boa condição financeira que ainda é visto melhor, bem melhor. Foi preciso inventarem uma lei pra que as pessoas se obrigassem a respeitarem umas as outras. (Joana, negra, ex namorada de um branco).

A filha de Elisa interrompeu a entrevista e diz:

Eu não namoraria um homem negro, porque é feio e esquisito um homem negro nu. Mulher, imagina aí aquele rolo de fumo na minha frente! Ai meu Deus! Ai mulher! É feio de mais! É totalmente diferente um bichinho rosinha né? Né muito mais bonito não? (Conceição, mulata, filha de Elisa, negra)

Nesse momento Conceição soltou risos quando se referiu aos órgãos genitais de um homem negro e ainda comparando com o órgão genital

de um homem branco, o primeiro sendo colocado no patamar de ridicularização, Expressando asco perante a possibilidade de visualização.

Ela também emitiu opinião sobre um relacionamento que seu irmão teve com uma moça negra. As opiniões todas emitidas na frente de Elisa, sua mãe, que também é negra.

Quando meu irmão chegou com uma namorada negra eu disse: Mãe quem é aquela moleca tão preta que tá com o Carlos? Ai mãe é muito feia! O Carlos tem que ficar com uma moça bonita, branca, loura sabe? Porque ele mesmo é bem clarinho. É besteira minha, mas a gente é assim, você nunca quer o pior. Eu achei que ela era muito feia pro meu irmão. Ele merecia uma moça decente, apresentável. Eu achei ela beijuda. E os meus sobrinhos? Vão ser como? Se puxarem ao meu irmão tudo bem, mas se puxarem a ela não dá certo! (Conceição, mulata, filha de Elisa, negra)

A adoção dos termos “claro” e “escuro” numa família significa não só uma maneira de distinção cromática dos seus integrantes como também exerce grande influência no modo como seus membros se relacionam, alimentando valorações e expectativas de fuga de desvalorização que os “mais escuros” normalmente sofrem.

A fala de Conceição expressa diversas formas de preconceito. Quando ela diz: *“É besteira minha, mas a gente é assim, você nunca quer o pior”*. Ela está se referindo que o pior, no caso, é o irmão relacionar-se com uma moça de pele escura. *“Eu achei que ela era muito feia pro meu irmão. Ele merecia uma moça decente, apresentável”*. Nesta fala não só a questão de atrelar a feiúra ao negro como também a indecência. *“E os meus sobrinhos? Vão ser como? Se puxarem ao meu irmão tudo bem, mas se puxarem a ela não dá certo!”*. Conceição fala tudo isso com risos, a grande preocupação é a vergonha que ela passaria em ter sobrinhos pretos.

Um dos temas apontados nas entrevistas foi a existência de preconceito velado no Brasil. A naturalização das desigualdades, a falsa cordialidade que acaba denunciando-se quando chega à esfera íntima. O discriminador que não se considerava racista revela-se quanto mais o negro adentra à intimidade familiar.

No Brasil a gente tem muito desse racismo meio sonso, aquela coisa meio escondida, que chega ao ponto das pessoas não se identificarem como negras pelo preconceito social. (Priscila, negra, noiva de um rapaz branco)

Acho que aqui no Brasil as pessoas não querem assumir o preconceito, mas, muitas vezes, até o jeito de olhar demonstra que a pessoa tem. (Tereza, negra, casada com um branco).

Cansei de ver as pessoas olhando de “rabo de olho” quando eu passava com ela. (Deoclécio, negro, manteve um relacionamento com uma mulher branca)

Ao falar sobre esse assunto Priscila sempre olhava para baixo, como se a intimidasse. Não conseguia falar olhando para mim, como se realmente fosse algo incômodo até mesmo para se tocar no assunto.

No Brasil não há proibição declarada das relações conjugais inter-raciais, mas podem ser observadas as dificuldades enfrentadas pelos que escolhem manter uma vida amorosa inter-racial. Estes, na maioria das vezes, estão prestes a sofrer algum tipo de discriminação, pois geralmente a sociedade acusa o homem ou a mulher negra de aproximarem-se de alguém branco por algum interesse, como se estas relações não pudessem se embasar no amor. Então, segundo Moutinho a seleção matrimonial em sua maioria se dá de forma **homogâmica?????** dentro das variáveis de classe social, educação, etnia, *raça* ou religião (2003, p. 36).

Segundo Santos (2004), as pessoas são atraídas pelo racismo mascarado, agindo de maneira racista, mesmo sem saber que assim o fazem, tendo até mesmo medo de descobrir que agem dessa forma. A falta de percepção leva à naturalização dessas atitudes e a minimização de atos agressivamente racistas. O que dá ensejo para que persista o processo de reprodução dessas idéias, e, além disso, apresentando o problema como algo sem importância. E muitos ainda exaltam o Brasil como uma nação sem conflitos raciais. O que limita as oportunidades de examinar cientificamente esta questão. O País assim constrói uma sociedade que não afirma o preconceito ostensivamente, mas o ideal é ser branco, ou seja, branco de fato ou mesmo passando por branco, pela mistura racial ou então por *status* socioeconômico. Quanto mais “claro” melhor.

Eu tive problemas com a minha sogra, porque ela é da família da Raquel de Queiroz e negro pra ela era pra tá era no engenho. No começo ela me chamava de negra dos beijo de caçarola, mas aí quando ela viu que eu ia me casar mesmo, acabou ficando minha amiga, aí eu fiquei tão branca quanto ela. Aí deixei de ser beijo de caçarola, agora eu era morena, bonita e afilada. (Elisa negra, casada com um branco).

O que Elisa passou foi um processo de branqueamento por conta do laço afetivo, pois sua negritude é um estigma, depois que a família a aceitou ela “deixou de ser negra”, e se alguém dissesse que era negra, a “defendiam” dizendo que ela era “morena e afilada”, e Elisa falava isso como se fosse algo que a valorizasse. É a assunção do “ser negro” perante a sociedade, atribuindo-os características de “brancos” identificando-os por meios de termos mediadores.

Alguém, que se identifique quanto branco, escolher relacionar-se com uma pessoa negra, o motivo da escolha será atribuído, geralmente, por algum atrativo erótico. A sociedade contemporânea continua a associar a sensualidade, a erotização, a virilidade superexcitada aos negros. Outro motivo que a sociedade atribui à escolha de um cônjuge negro é a sensação de segurança, pois uma mulher branca pode acreditar estar livre de traição ao se relacionar com um negro, pois é como se ele já fosse um privilegiado ao estar ao seu lado, o que não acontece ao relacionar-se com um branco. Já o homem branco sente-se seguro na relação com uma negra por crer no status que a proporciona perante a sociedade.

A visão meramente pragmática da escolha conjugal reforça a concepção de espaços de interação segregados e de escolhas rigidamente demarcadas, como se ao negro não fosse permitido escolher seu cônjuge baseado em critérios distintos daqueles de natureza racial. Como se os sentimentos e os desejos fossem condicionados a posicionamentos políticos, estrategistas, previamente elaborados. É necessário reavaliar a visão que as teorias difundem de que o negro que relaciona com alguém branco está sempre querendo ‘embranquecer’.

Bento mostra como está implícita neste tipo de concepção a idéia do branco como único representante legítimo da humanidade, como um modelo a ser perseguido pelos 'não-brancos'.

[...] o branqueamento é frequentemente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com a sua condição de negro procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais (2002, p.25)

É questionável esta postura pois, a associação da branquitude à ascensão, polariza a visão que se tem das relações raciais, ou seja, o "negro" é sinônimo de pobreza e o branco e status social.

A escolha pelo relacionamento inter-racial

Grande parte das obras que tratam das uniões inter-raciais tem como foco o homem branco e a mulher negra ou mulata, esta sendo retratada com sensualidade e libido exacerbada. Assim como em *Casa Grande e Senzala*, nos romances como: *Gabriela cravo e canela* de Jorge Amado e *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo.

A Gabriela de Jorge Amado assim é descrita: olhos ora tímidos e cândidos ora insolentes e provocadores, seus passos de dança, olhos de inocência, sorriso que tonteia. (1959, p.112-113). Outra mulata presente na literatura é Rita Baiana do romance *O Cortiço*:

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doída, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela musica feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno de Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca (AZEVEDO, 1992, p. 73)

Quanto ao homem negro ou mulato, segundo algumas obras literárias como “O mulato” e “Sobrados e Mucambos”, eles eram escolhidos pelas mulheres brancas quando possuíam porte elegante e educação refinada com título de Bacharel. Assim como o Raimundo do romance de Aluísio de Azevedo e os mulatos de *Sobrados e Mucambos* de Freyre, também portavam o mesmo título e refinamento. *Fascinava o hibridismo de sua figura, que harmonizava um porte altivo, de fidalgo, com rude e orgulhosa franqueza de selvagem.* (AZEVEDO, 1977, p. 63)

Mas a origem sobrepunha-se às suas características fidalgas, o que causava o repúdio da família das moças que se relacionavam com estes mulatos. Socialmente ele era rejeitado, mas de forma velada, era eroticamente desejável. No romance de Aluísio de Azevedo Ana Rosa, que mantinha uma relação amorosa com o mulato Raimundo, que teve seu posto tomado pelo seu assassino, ou seja, o homem que matou Raimundo terminou casando-se com Ana Rosa, este era português e branco e fora aceito mesmo sendo de estrato social inferior ao dela (MOUTINHO, 2003).

Com o objetivo de descobrir a compreensão dos casais sobre o preconceito racial, confirmar ou não as idéias dos autores e identificar, com maior proximidade, os impactos na família de ambas as partes e perante a sociedade, resgatei a fala dos colaboradores da pesquisa.

5.1 Eu? Preconceituoso?

Algumas pessoas negras entrevistadas tinham noção de algumas implicações diante da cor da pele, mas só descobriram que esta imprimia um grau hierarquizante ao relacionarem-se com alguém de cor clara.

Deoclécio, que se identifica quanto negro, disse que há dois anos teve sérios problemas quando se relacionou com uma moça branca. Inicialmente o pai da moça o tratara bem, assim como o restante da família, mas qualquer motivo levaria à queda da máscara. Sentindo-se ofendido por sua filha ter saído com ele e chegado um pouco tarde em casa foi o motivo para que o pai o ofendesse com termos pejorativos que ressaltaram a negritude como determinantes para uma má conduta de comportamento.

Ele foi extremamente grosso, e isso eu ouvi meio que escondido. Tava do lado de fora da casa, depois que deixei ela em casa, o pai dela foi com dez pedras na mão⁵ pra cima dela dizendo: Só podia ser preto, filho da puta nêgo desse namorando minha filha e tratando igual as nêga véa q ele pega por aí. (Deoclécio, negro, manteve um relacionamento com uma mulher branca)

⁵ Dez pedras na mão é uma expressão tipicamente nordestina, que quer dizer que, agiu com muita grosseria.

Deoclécio disse que, mesmo que estivesse por perto, não conseguiria revidá-lo, pois, além de querer evitar confusão, não conseguiria revidar de forma equivalente.

Norbert Elias caracteriza o que Deoclécio passou em seu livro *Os Estabelecidos e os Outsiders*, quando retrata a relação de poder de um grupo para com o outro, grupo dominador classificado com Estabelecido e o dominado de Outsiders

Nada é mais característico do que o equilíbrio de poder extremamente desigual, nesses casos, do que a impossibilidade de os grupos outsiders retaliarem com termos estigmatizantes equivalentes para se referirem ao grupo estabelecido (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 27)

Joana relatando o período em que seu namorado (branco) teve um acidente, por conta disso encontrava-se em cadeira de rodas e suscetível às atitudes dos seus irmãos. Segundo ela o maior problema da sua relação eram os irmãos do seu namorado.

O problema mesmo era os irmãos dele. Eu cheguei lá um dia e eu notei ele diferente. Ai eu perguntei a ele o que tava havendo. E o irmão dele disse pra ele que eu não era pra ele porque eu era negra e gente negra não era pra andar com gente branca. (Joana, negra, relacionou-se com um rapaz branco).

Vivemos em um sistema em que *raça*, *status*, classe e gênero estão relacionados; e no que diz respeito aos relacionamentos afetivos amorosos, estes se mostram mais passivos de preconceito do que os de amizade. Quantas vezes ouvimos alguém dizer que não é racista por ter amigos negros, mas quando estas mesmas pessoas são questionadas quanto a possibilidade de uma relação afetiva conjugal com uma pessoa negra, justifica-se dizendo que se dá bem com negros mas não se sente atraído por gente de cor. Portanto o ciclo de amizade torna-se bem menos sujeito à discriminação que o mercado afetivo amoroso. E mesmo dentro da relação conjugal o sujeito *de cor* está passivo de sofrer preconceito por parte do próprio parceiro ou parceira. Uma das entrevistadas confirma esta idéia em uma declaração feita durante a entrevista:

Porque o fato de namorar uma pessoa negra não quer dizer que você esteja livre do preconceito, pois o preconceito está impregnado e expressa de um jeito que a gente nem percebe. (Priscila, negra, noiva de um rapaz branco)

Priscila quis dizer, exatamente, que não é o fato de relacionar-se com um negro que me livra de ter preconceito. São praticamente atitudes inconscientes como, rir de uma piada com conotação racista na televisão. São atitudes consideradas naturais, “levadas na brincadeira”.

Um dos colaboradores, o Sr Benedito, casado com uma negra, durante a entrevista, não afirmou a negritude da sua mulher uma única vez, todas as vezes que ia se referir à cor da sua esposa tratava-a como morena e afirmou que se sente atraído, mesmo antes dela, por morenas. Sendo que a própria esposa se identificava quanto negra.

O Sr. Benedito não disse que não diz que sua mulher é negra porque acha que negra é uma palavra muito pesada. Que ela *nem é tão preta assim*. Que só diz que alguém é negro *quando é daqueles pretos bem pretos* e ainda compara gente negra aos macacos.

Minha filha eu não digo que a minha mulher é negra porque eu acho que negra é uma palavra pesada de mais. Ela nem é tão preta assim. Negro pra mim é quanto é bem preto, preto mesmo! Tipo uns que passam na televisão que é direitim um macaco. (Sr. Benedito branco, casado com D. Elisa, negra)

O Sr. Benedito recriminou um dos seus filhos quando este levou sua namorada, negra, para a sua casa, referia-se à mesma de forma pejorativa, sendo que o mesmo disse que nunca tinha tido preconceito, pois nunca se incomodou em se relacionar com mulheres *morenas*, pelo contrário sempre foi *sua cor preferida*.

Outra entrevistada que passa por situações de preconceito com seu próprio parceiro é Amália. Ela mesma afirma que vive sendo humilhada por seu companheiro, que vive conjugalmente com uma negra, no entanto repete sempre que tem preferência por mulheres louras. Amália se sente mais empregada doméstica da casa do seu companheiro, que sua mulher.

Amália vive assim como Bertoleza personagem do romance de Aluísio de Azevedo, “O Cortiço”. João Romão vive “amasiado” com Bertoleza e passa a explorar seu trabalho. Assim como diz o romance: Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. (AZEVEDO, 1992)

Amália acredita que se ela tivesse uma melhor escolaridade e tivesse dinheiro, ele não a trataria mal. Ela identifica com isso outra forma de preconceito além do de raça, o preconceito de classe, pois ela acredita que o seu companheiro não a respeita por sua baixa escolaridade e também pela sua profissão.

Eu acho que ele faz tudo isso porque me conheceu na porta do meu trabalho e eu trabalhava de empregada né? Aí ele já não tem mais tanto respeito. Além disso, sou quase analfabeta, mal sei ler. Acho que ele pensa assim... se ela já passou a vida inteira fazendo as coisas pros outros, custa nada fazer aqui em casa também Ela tem nem o que fazer mesmo, só presta pra isso, sabe nem ler direito. (Amália, negra, casada em regime consensual com um homem branco.).

Na casa em que Amália vive, quando chega alguma visita, as pessoas falam como se ela fosse a empregada da casa. Seu ex marido era negro e ela disse que as pessoas não estranhavam os dois juntos como estranham a sua nova relação. Acredita que todo mundo acha que ela está com ele só pra ter uma condição de vida melhor. E ela aceita essa situação, acreditando que um dia ele possa mudar, possa voltar a ser como quando eles se conheceram. “Borradeira⁶ não gera no príncipe o medo de perder o seu lugar, de perder o seu poder, de ser castrado. Ela assegura ao príncipe que ele continuará ditando as regras” (SANTOS, 2004, p.51).

5.2 O porquê e o que mais os motiva na escolha?

Priscila disse que não escolhe seus namorados por cor, que não há nada proposital. Contou que os ambientes que ela frequenta nunca têm muitos negros e dos poucos que tem nunca aconteceu alguma paquera e que sempre que se relacionou com alguém foi por afinidade.

Acho que só namorei brancos pelo meio que vivo, mas não teria problemas em namorar um negro, não vejo diferença. (Priscila, negra, é noiva de um branco).

⁶ Gislene Santos no livro *Mulher Negra Homem Branco* retrata uma versão da história da Borradeira ou Cinderela, para relacionar com um modelo de relação vivido por mulheres negras. “A versão escolhida é dos irmãos Grimm. Um homem rico, pai de Borradeira, se casa pela segunda vez após a morte da sua primeira esposa. Leva sua filha para viver com a madrasta e as duas filhas desta, que eram ‘feias e negras de coração’” (SANTOS, 2004, p.40-41 *apud* GRIM,1989, p.13).

Já Tereza, casada há 22 anos com um homem branco, disse que nunca se sentiu atraída por homens da sua cor e que quando começou sua relação foi por atração física, mas também acha que nunca aconteceu nada com um negro pois o meio que freqüentava não havia muitas pessoas de cor.

Primeiro foi uma atração física mesmo, ai depois que fomos nos conhecendo, claro que foi além. Cada vez mais fomos nos ligando um ao outro.(Tereza, negra, casada com um branco).

Joana já namorou um rapaz negro e disse que não se importa com cor quando busca um relacionamento. Disse que o mais importante é haver a identificação com a pessoa. Mas ela aponta que no Brasil as pessoas ainda se chocam quando vêem um casal inter-racial.

No relacionamento entre negro e branco ainda tem preconceito. As pessoas ainda falam assim... como é que pode esse tão branco com essa tão negra? (Joana, negra, relacionou-se com um rapaz branco)

Com a fala de Joana percebemos que a sociedade ainda tem comportamento avesso à postura de alguém que escolhe manter um relacionamento inter-racial. É perceptível quando os entrevistados apontam as dificuldades de socialização principalmente no meio familiar de uma das duas partes. As mulheres brancas entrevistadas sempre apontavam o fato de que sua escolha por relacionarem-se com alguém de cor diferente fazia com que elas fossem apontadas como sendo as diferentes da família. Pois escolhiam alguém que não era considerado o perfil adequado e esperado por seus pais. No entanto as mulheres negras observaram mais problemas relacionados à família dos namorados ou maridos, o estranhamento dessas famílias com a escolha de seus filhos.

Deoclécio foi um dos entrevistados que explicou o fato de nunca ter namorado uma negra por rejeição das próprias mulheres negras em relação aos homens negros.

A maioria das mulheres negras não se aproximavam muito de mim, já paquerei algumas mas sempre tinha dificuldade. Sempre tive mais facilidade de conquistar mulheres brancas. Tanto que nunca namorei nenhuma negra e fiquei com poucas. (Deoclécio, negro, relacionou-se com uma mulher branca)

Os signos que compõem uma imagem negativa do negro estão presentes tanto nos comportamentos daqueles que rejeitam o relacionamento inter-racial como também na fala daqueles que são socialmente identificados como casal inter-racial e discriminados.

Na entrevista com Elisa, primeiro ela falou que tinha orgulho da sua raça, depois ela afirmou com veemência que não casaria com um homem negro. Pois não queria que seus filhos nascessem escuros. Os filhos seriam mais aceitos socialmente se nascessem mais claros que ela. A escolha da mulher negra pelo cônjuge negro, não lhe traria bônus, já que ele é tão discriminado quanto ela.

Negro? Queria nada! Que cor que ia nascer as crianças? Eu não queria ter filhos pretos não. Eu já tinha sofrido muito. Queria que meus filhos passassem por isso não, queria coisa melhor pra eles. É muito difícil, pra gente, conseguir ser alguém na vida. Tá hoje estão aí bem criados, bonitos, cheios de amizade e tudo se encaminhando. (Elisa, negra, casada com um homem branco)

Essa é uma das situações em que aquele que é discriminado reproduz o preconceito que provoca a discriminação da qual é vítima. E é um exemplo típico de tentativa de branqueamento da descendência. Elisa acredita que seria melhor para os filhos que eles nascessem mais claros que ela, pois segundo seu raciocínio, se fossem pretos sofreriam mais para conseguir um lugar digno na sociedade, creditando ao clareamento da pele dos seus filhos mestiços a beleza deles e até mesmo os bons relacionamentos de amizade. Como se negro não conseguisse nem mesmo fazer amigos.

Quando uma mulher negra, mascarada pelo racismo, escolhe ao homem branco como forma de ascensão, muitas vezes não percebe que a escolha que supostamente a promoveria, simultaneamente, a lança em um circuito de novas formas de discriminações. A presença do homem branco faz com que ela tenha acesso a alguns espaços interditos anteriormente, mas isso não significa aceitação real e efetiva. Nesses espaços, a mulher negra passa a ser duplamente discriminada: como mulher negra que é e como mulher negra que está ao lado de um homem branco sem o qual ela acredita que não teria chegado onde chegou (SANTOS, 2004, p.59).

Todos os entrevistados negaram que o casamento inter-racial se realiza a fim de atingir um objetivo que não seja o de estar com alguém com

quem se tenha afinidade e sentimento. Dizem que os obstáculos são colocados *pelos outros*. Nem mesmo Elisa, que falou claramente que não casaria com homem negro pensando nos filhos que teria. Afirmando que não queria que seus filhos nascessem escuros como ela.

Ah eu quero nem saber, quando eu gostei de verdade eu casei. Acho que tem isso de preto ou branco não, na verdade acho q não casei com um negro porque eu não gostei de verdade de nenhum. E eu acho que casar sem ter amor de verdade não vale a pena (Elisa, negra, casada com o Sr. Benedito, branco).

Acho que quando um casal se une é porque se gostam independente de cor ou raça. Acho que ninguém começa uma relação premeditando os benefícios que vai adquirir nela. De ascensão por cor ou classe. (Tereza, negra, casada com um homem branco)

Eu noto que as pessoas de fora querem escolher pela gente. Pôxa! Se eu tou feliz com alguém o que importa se é branco ou negro? As pessoas se importam mais com isso do que a gente que tá vivendo a história. (Priscila, negra, noiva de um rapaz branco)

Acho que o importante é que um faça bem ao outro, que se dêem bem. Às vezes a pessoa quer escolher por cor e acaba não dando certo. Não existe isso. Seu par deve ser aquele que combina mais com seu jeito. Independente de cor de pele. (Camila, branca, relacionou-se com um homem negro)

Em todas as entrevistas foi identificado que nesse tipo de união constituem-se maiores barreiras da parte das famílias “brancas”. nenhuns dos entrevistados negros apontaram problemas quanto à relação em suas famílias, no entanto todos eles apontaram situações de discriminação por parte da família “branca”.

5.3 Mecanismos de defesa?

Quanto aos entrevistados que têm filhos, nota-se uma despreocupação em relação à raça na socialização dos filhos, inclusive para eles ressaltar diferença e discutir sobre isso seria o mesmo que fomentar o racismo.

Aqui em casa eu tenho dois meninos que são clarim e o mais velho puxou mais o pai dele. Tem o cabelo de pipoca, mas a pele dele não é tão escura não. Eu nunca falei de assunto de racismo na minha casa porque a gente nunca achou que fosse importante falar disso. Eu sempre pensei que quanto mais falasse, mais importância daria para algo que eu não quero colocar dá importância. (Laura, branca, casada com um homem negro)

Os casais de gerações mais antigas sempre dizem que discutir sobre isso em casa ó pioram as coisas, dizem que é melhor nem lembrar do assunto. Apresentam uma postura mais passiva em relação a este problema.

Em geral as famílias dos cônjuges acabam por tomar a atitude de ficarem neutras em relação ao assunto, fazendo com que uma relação estigmatizada se apresente como uma relação 'normal', mantendo o silêncio sobre o assunto. Como se o fato de torná-lo um tabu anulasse suas possíveis influências sobre o relacionamento entre as famílias e o casal.

Essa postura adotada pelas famílias sugere que o quanto podemos agir de maneira racista sem saber, mascarando atitudes, reproduzindo o conceito de falsa democracia racial.

O discriminador não reconhece que discrimina e o discriminado não percebe que foi discriminado e não reconhece como auxilia na manutenção das estruturas e dos discursos de discriminação. É uma sociedade em que o reconhecimento é vetado; em que os seus cidadãos não podem olhar. (SANTOS, 2004, p.31)

Essa harmonia só ajuda a propagar o comportamento que desrespeita achando-se respeitoso; perpetua a discriminação velada, na sociedade e no ambiente familiar, gerando pessoas cada vez mais mascaradas afim de não quebrar a harmonia racial. (SANTOS, 2004)

A gente tenta se isolar ao máximo. Porque não dá pra gente bater de frente com o preconceito já cristalizado nas pessoas. Tipo, se for um parente dele que não gosta de mim, uma pessoas de mais idade, a gente não tem como bater de frente. A gente tenta agradar por outras coisas, a gente conversa, mas eu não tenho disposição pra bater de frente com essas coisas. Porque não é só da família dele, mas é geral. (Priscila, negra, namora um rapaz branco)

A fala da Priscila nos mostra que, para evitar constrangimento, o casal se priva de se socializar mais abertamente. Pois mesmo que as pessoas

não digam claramente que discriminam, suas máscaras incomodam a quem elas atingem.

Sérgio Buarque de Holanda definiu o brasileiro como *homem cordial* que usa como disfarce a polidez para preservar suas emoções. Este mesmo *homem cordial* é superficial e social, e com a fala da Priscila identificamos o quanto ele ainda é presente.

No 'homem cordial', a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da sua existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo, cada vez mais, à parcela social, periférica que no brasileiro – como bom americano – tende a ser o que mais importa. Ela é antes um viver nos outros. Foi a esse tipo humano que se dirigiu Nietzsche, quando disse: "Vosso mau amor de vós mesmos vos faz do isolamento um cativoiro". (HOLANDA, 1995, p.147)

Sérgio Buarque trata da hospitalidade superficial que o brasileiro tem em meio social, que na verdade isola, pois nada mais é que uma máscara utilizada a fim de esconder seus verdadeiros sentimentos. Essa atitude ao invés de abranger fecha cada vez mais o círculo de verdadeiros relacionamentos, os tornam inacessíveis, impenetráveis.

A sociedade tende a se chocar perante uma relação inter-racial, mas tentam disfarçar o espanto, no entanto acabam denunciando em pequenas atitudes que tornam-se evidentes mesmo *sem querer*. Os sinais de reprovação são percebidos sempre por olhares e gestos, nunca por palavras proferidas diretamente.

Se for pelo lado da família dele tinha sim um pouco de preconceito de repulsa, não foi diretamente, mas a gente percebe quando a coisa acontece; pelo lado dos amigos a gente percebe também, pois já perguntaram pro meu noivo: - É mesmo sua noiva essa daí? Entendeu? Aquela coisa que fica meio escondida, mas a gente sabe. A gente nota até pelo olhar de espanto das pessoas. Se a gente não fosse tão "cabeça aberta" a gente não teria dado certo. (Priscila, negra, namora um rapaz branco)

Até mesmo na fala da entrevistada percebemos a amenização das atitudes de preconceito quando ela diz *um pouco de preconceito, de repulsa* é como se quisesse dá um caráter de eufemismo, por respeito à família do

namorado, mesmo que sinta o desrespeito na pele. É como se não fosse tão ruim assim. A mesma entrevistada disse que mesmo assim a tratavam com educação e tentavam respeitar a escolha do rapaz. O que nos mostra a atitude passiva perante a discriminação sofrida.

Mesmo tendo notado a rejeição dos familiares e amigos, alguns entrevistados tentaram eliminar, em seus discursos, a avaliação hierárquica não somente do modo como interagem com os outros como também daqueles com os quais se relacionam. O que dota esse tipo de comportamento de um caráter artificial.

Muita gente diz: Ah eu lá tenho preconceito, tenho um monte de amigo nêgo e eu trato todos bem que só. Dizem isso como se tivessem sendo generosos por tratarem as pessoas bem. Como se o negro já se desse por satisfeito por ser tratado bem. (Camila, branca, namorou um rapaz negro.)

O branco na sociedade não é entendido apenas como uma cor ou raça, mas também como poder, status social, modelo de beleza, de inteligência e muitas vezes até de caráter. Ao contrário, à cor negra, que é atribuída signos negativos, de marginalidade, feiúra, falta de caráter etc.

O que ocorre, entretanto, é que essa falsa cordialidade faz com que as manifestações discriminatórias ultrapassem a delimitação de espaços externos para negros e brancos na sociedade, invadindo o espaço interno das relações de amor-ódio, desejo-rejeição. É na esfera íntima e da subjetividade que encontramos os suportes mais sólidos de sustentação das discriminações e delimitações dos espaços “cordialmente” estabelecidos na sociedade brasileira (SANTOS, 2004, p.30).

5.4 Justificar para harmonizar?

Na maioria dos relatos, os entrevistados, detalhando os conflitos familiares perante a relação, dizem que depois de um tempo as famílias “dão o braço a torcer”, ou seja, elas desistem de conflitarem. E com o objetivo de

promover a tranquilidade e a harmonia familiar listam uma série de justificativas para a aceitação do fato.

Laura detalhou como foi o início do seu namoro. Primeiro ela disse que o preconceito que existia no Brasil não era racial e sim de classe social. No entanto ela narra o dia em que apresentou seu atual marido à sua mãe. Como começaram a namorar escondido da família dela, um dia o Sr. Clemente a pressionou para que ela o apresentasse à sua família.

Mas chegou um dia que ele chegou pra mim e disse que as coisas iam mudar. Que ou a gente namorava em casa ou não namorava mais. Ai quando foi no outro dia ele foi lá em casa com um presente pra mamãe porque era até dia das mães. Quando eu entrei, esta minha mãe...e a minha mãe é morena...ela disse... eu não acredito que tu vai namorar este nêgo! Ai eu disse ... Ah se a senhora souber que ele é mais novo que eu. Ah mas se ele tivesse dinheiro do jeito que ela adorava dinheiro ia ser outra história. Quer dizer ele era preto, pobre e ainda era mais novo que eu. Só que hoje todo mundo é louco por ele lá em casa. O Clemente é muito educado, paciente. Minha família sempre falou dessas qualidades dele, que pra casar comigo tinha que ser alguém como ele mesmo. (Laura, branca, casada com Clemente, negro).

O choque que a mãe de Laura demonstrou ao ser apresentada ao namorado “preto, pobre e mais novo” e a atitude repulsiva acabou por ser amenizada quando ela reconheceu *as boas características* de Clemente. O seu caráter abrandou a sua cor e classe social.

Camila relatou que sua família no começo não demonstrou nenhuma reação negativa quanto à sua relação. Mas sempre que iam falar do rapaz atribuindo vantagens na relação amenizavam sua cor com alguma outra característica.

Ah Camila! Ele é negão, mas é bonitão também e educado. Ele é polido! É diferente! A gente vê que ele te trata bem. A única coisa que ele tem de nêgo é a cor e o cabelo ruim. (Camila, branca, namorou um negro.)

Ou seja, os únicos ‘defeitos’ do rapaz, para a família de Camila, era a sua cor e o cabelo, que o de negro sempre é identificado como cabelo ruim. O ‘mas’ sempre contrabalança o fato de ser negro com alguma outra característica que ameniza o desapontamento em relação à cor.

Benedito, um dos entrevistados, apesar de ser casado com uma mulher negra, Elisa, ele ainda tem intrínseco que o negro tem uma simbologia negativa. Assim como os próprios filhos de Elisa.

Você é negra, mas é bonita! E até a Salomé (filha do casal) é “bem moreninha” e né bonita não?.. (Benedito, branco, casado com Elisa, negra).

Essa foi a única vez que o Sr. Bendito refere-se à sua esposa como negra. E foi justamente para rebater a afirmação de que sua mulher é negra, como ela mesma se identificou, como se tivesse ofendendo-a ao identificá-la como negra. Todas as outras vezes, mesmo eu provocando as perguntas com a palavra *negra*, ele sempre respondia com a expressão *morena* discurso esse fruto da idéia de miscigenação. A afirmação “Você é negra, mas é bonita” retrata a reprodução do conceito de negro como um signo negativo também esteticamente.

Eu tive problemas com a minha sogra porque ela era da família da Raquel de Queiroz e negro pra ela era pra tá era no engenho. No começo ela me chamava de negra dos beijo de num sei o quê, mas aí quando ela viu que eu ia me casar mesmo, ficamos amigas e eu fiquei tão branca quanto ela, aí eu era morena bonita e afilada, e ela depois foi tão boa pra mim que ela fez coisas que a minha mãe não fez. (Elisa, negra, casada com Benedito, branco).

Para que a mãe do seu esposo a visse com bons olhos ela *virou branca como ela*, e não era mais preta e sim *morena e afilada*. Ou seja, a mãe do seu esposo não teve que ser vista como de outra cor para ser aceita, mas ela sim. Essa fala retrata o peso do preconceito racial nas relações afetivas no espaço privado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O serviço social é uma profissão regida por princípios éticos contrários às formas de opressão, preconceito e discriminação, seja por questões de classe social, gênero, religião, nacionalidade, orientação sexual, idade, condição física, cor ou etnia. Portanto, esse estudo fortalece tais princípios, contribuindo com uma reflexão data e local sobre as relações inter-raciais.

Um dos pontos fundamentais do estudo foi o preconceito, mais especificamente o racial.

O interessante é que muitos estudos que abordam essa temática se preocupam com a influência do preconceito de forma direta. Só que no Brasil, mal se toca no assunto, porque não é de bom tom, causa constrangimento à denominada cordialidade brasileira. Então uns fingem que não tem preconceitos, outros fingem que acreditam, para serem “educados e cordiais”.

O presente estudo busca realizar uma análise das relações conjugais inter-raciais. Pelo fato da questão está centrada na esfera familiar, a cordialidade, as máscaras e a educação ficam mais frágeis. Pois é difícil manter máscara no seio familiar, num espaço em que as relações são face a face e todos se conhecem mais intimamente.

De acordo com os depoimentos e análises, ainda é evidente o ideal de branqueamento, tanto pela condição social como pela união inter-racial. Esta ainda é a escada para a mobilidade social.

O homem negro é mais bem aceito na família de uma mulher branca se ele tiver uma condição financeira melhor que a dela. No caso da mulher

negra ainda existe o receio de casar-se com homem da mesma cor, pois acredita que assim sua vida não mudará e seus filhos, se tiverem a mesma cor que eles, sofrerão as mesmas agressões de preconceitos que elas sofreram ou sofrem.

A pesquisa possibilitou a identificação de diversos tabus nas relações inter-raciais. Do meio externo, envolvendo a sociedade e a família, mais incisivamente na família; e internamente, tratando-se dos próprios cônjuges.

A maioria dos entrevistados, inclusive, considera natural o choque de suas famílias perante a escolha de manter um relacionamento inter-racial. E consideram que *isso é normal* e que *com o tempo se resolve*.

A reprodução do preconceito está intrinsecamente ligada ao conformismo, ao conservadorismo, à indiferença e à naturalização do desrespeito. E a conclusão a que chego é que a existência de relações inter-raciais não se subentende que ali se enfrente o racismo, porque muitas vezes passam-se anos e os membros da relação nem sequer tocam no assunto, escondem as manifestações de racismo que os envolvem além do fato de os próprios membros da relação, acabam por reproduzirem os conceitos discriminatórios, repassando na sociedade os signos negativos associados ao negro, como se fosse algo inconsciente, natural. Portanto ao invés de neutralizar as desigualdades raciais, muitas vezes estas ficam mais evidentes já que o negro para ser aceito no ambiente privado da família branca ainda tem que “se mutilar” negando sua identidade, se adequando, e visto como “negro de alma branca”. Conformam-se em tratar a negritude como seu defeito como na fala do marido de Elisa de que diz que ela *é negra, mas é bonita*.

No Brasil a grande dificuldade para o movimento anti-racismo, segundo Guimarães (2005), é que a sociedade não enxerga grandes dificuldades com o racismo. Não considera que ele determine algum número de desigualdade no País.

O que é difícil constatar como realidade é que o fato de viver uma relação inter-racial não isenta necessariamente um dos cônjuges de racismo. Em muitas falas, muitos nem sequer conseguem falar a palavra negra sem olhar para os lados, como se tivessem falando algo feio, algo impróprio. É lamentável o quanto *signos negativos* associados aos negros ainda são reproduzidos com força. Essas práticas ganham legitimidade diante do silêncio. Essas são incorporadas no cotidiano social e familiar acriticamente.

Essa semântica, reprodutora de uma estética dominante caracterizada pela glorificação beleza branca e pela suposta fealdade dos negros – evidente na linguagem popular –, torna a pessoa negra insegura em relação a sua própria aparência, tanto aos seus olhos quanto também à maneira como ela parece aos outros, inclusive aqueles que lhe são próximos. Isso produz uma “deficiência de amor próprio, de autoconfiança”, e limita a capacidade de estabelecimento de relacionamentos afetivos (FERES, 2004, pp. 19-21).

Essa baixa auto-estima reflete no relacionamento. Faz com que pessoas negras se submetam a serem estereotipados pelos próprios cônjuges. Portanto, o argumento de não ser racista porque casou com um negro ou uma negra não é regra para que as estereotípias não existam. E na maioria das vezes as expressões usadas são consideradas “normais” ou “naturais”.

A pesquisa como dito anteriormente não tem caráter conclusivo e sim provocativo, de ousar abordar uma problemática que quer parecer naturalizada. O objetivo principal é instigar a reflexão sobre o tema, de forma a construir um processo de inconformismo, indignação e desnaturalização das atitudes preconceituosas e excludentes, que desencadeia o processo discriminatório e que usurpa direitos.

A partir do Código de Ética Profissional de 1993, o Serviço Social como profissão tem diretrizes que orientam o compromisso do profissional de superar os preconceitos. Dentre alguns dos princípios fundamentais do código de ética profissional dos assistentes sociais destaco os que considero principais para esta reflexão

Defesa intransigente dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo
 Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças;
 Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação exploração de classe, etnia e gênero;
 Exercício do Serviço Social sem ser discriminado, nem discriminar, por questões de inserção de classe social, gênero, etnia, religião, nacionalidade, opção sexual, idade e condição física (CFESS, 1993).

E a luta contra a discriminação não pode ater-se apenas aos espaços públicos, pois a intolerância às diferenças no espaço privado familiar, obscurecida pela inviolabilidade do asilo familiar, precisa de intervenção, de discussão pública. Pois ela é agressiva e causa tanto sofrimento, ou até mais, pois envolvem as pessoas de laços mais profundos que podemos ter (os familiares).

Esse debate traz um novo desafio que é pensar e discutir o preconceito na intimidade do indivíduo, retirando a “cortina de fumaça” que há sobre essa questão, para que as pessoas reflitam sobre a postura que demonstram ter e as que realmente têm perante pessoas de classe social, cor, religião, sexo, orientação sexual ou qualquer outra escolha de vida diferente das delas.

Como poderemos alcançar a verdadeira justiça social se não houver o respeito aos direitos fundamentais do ser humano, se não enfrentarmos as desigualdades nos mais amplos sentidos? É necessário enfrentar a discriminação cotidianamente. E o primeiro passo é identificar onde ela se esconde, evidenciando os conflitos, e não ocultando e negando. É essencial o reconhecimento de que a miscigenação não rompeu e não é suficiente para a abolição do racismo no Brasil, para que deixando de ser invisível, torne-se palpável e passivo de reflexão e intervenção.

O racismo é a “droga ilícita” mais difundida. Pois se encontra tanto nas famílias mais *respeitáveis* possíveis, pessoas de condição privilegiadas, com a educação formal de alto nível; quanto nas parcelas desprovidas de uma

condição digna de sobrevivência. É como a cegueira branca do romance de Saramago.

REFERENCIAL BIBLIOGRAFIA

AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo: Martins Editora, 1959.

AZEVEDO, Aluísio de. **O Cortiço**. São Paulo: Ática, 1992

_____. **O Mulato**. São Paulo: Ática, 1977.

AZEVEDO, Thales de. **Cultura e situação racial no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, v. 42, 1966.

_____. **Democracia racial**: ideologia e realidade. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. **As elites de cor numa cidade brasileira**: um estudo de ascensão Social & Classes sociais e grupos de prestígio, 2ª ed., Salvador: EDUFBAIEGBA, 1996. 186p.

BASTIDES, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo**. 3 ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1971.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In:___ Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Organizado por Iray Carone e Maria Aparecida Silva Bento. Petrópolis: Vozes, 2002.

CALDERÓN, Adolfo Ignacio. **Família a crise de um modelo hegemônico**. Rondônia: [s/n] , 1993.

CANTUÁRIO, Maria. Zelma. A. Madeira. **Mulher Negra no Ceará**, Jornal O Povo: Fortaleza, 15 maio 2004, p. 07.

_____. **Sexismo e Racismo cordial**. Jornal O Povo: Fortaleza, 15 de abril, 2007, [não pag.].

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996. v. 1. 164 p.

CFESS. **Código de ética do assistente social**. Brasília, 1993.

COSTA, André Luiz de Souza. **Onde você guarda o seu racismo?**. PTCEARA, 2006. Disponível em <<http://www.ptceara.org.br/debates/texto.asp?id=341>>, acesso em: 18, de Nov de 2008.

ELIAS, Norbert ; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

FERES JUNIOR, João. **Aspectos semânticos da discriminação racial no Brasil para além da teoria da modernidade**. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, junho, vol.21, número 061, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2006, p. 163-176.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes / v. 2**. São Paulo: Ática, 1978

_____. **O negro no mundo dos brancos** . São Paulo: Difel, 1972.

_____ & BASTIDES, Roger. **Relações sociais entre negros e brancos em São Paulo**. Anhembi: UNESCO, 1955.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 30 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002

_____. **Interpretação do Brasil**: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas; Trad. de: Olívio Monteiro, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Sobrados e mucambos**: descendência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. 3. ed . Rio de Janeiro: [sn] , 1961.

FUNE, Eurípedes Antônio. **Negros no Ceará**. In. Uma nova história do Ceará. SOUZA, Simonede (org) Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Nacional, 1969.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**, São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 34. ed., 1999.

HARRIS, Marvin. **Padrões raciais nas Américas**, Rio de Janeiro: Civilização, 1967.

HASENBALG, Carlos. **Os números da cor**, Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 1996.

_____, Silva, N. V. e Lima, M.. **Cor e Estratificação Social**. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**, 26. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IANNI, Octavio. **Raças e classes sociais no Brasil** 2. ed., Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2000**, Fortaleza, 2000. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br/home/>>, acesso em: 8, set. 2008.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2006**, Fortaleza, 2006. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2006/default.shtm>>, acesso em: 8 set. 2008.

JONES, James. **Racismo e preconceito**. São Paulo: USP, 1973.

LAMBERT, Jacques. **Estrutura étnica e contacto de raças** . In: Os dois Brasis . São Paulo: Brasiliense, [19?], v.335, 1967, p. 85 – 95.

MAPA da população negra no mercado de trabalho. São Paulo: INSPIR (Instituto Sindical Interamericano pela Igualdade Racial), 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org); **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOUTINHO, Laura. **Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul**, São Paulo: UNESP, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação- PENESB-RJ, 5, maio. 2003.

NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto quanto branco:** estudos de relações raciais. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

PETRUCELLI, José Luís. **Seletividade por cor e escolhas conjugais no Brasil dos 90.**, Rio de Janeiro: Estudos Afro-Asiáticos, ano 23, p.29-51, 2001.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. dos. **Mulher negra, homem branco,** Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

SANTOS, Theotônio. **Conceito de classes sociais.** Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

SCHWARCZ, Lilia Moritz . **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário:** cor e raça na intimidade. In: História da vida privada no Brasil, contrastes da intimidade contemporânea . São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 173 – 244.

SCHWARTZ, Stuart. **Segredos internos. Engenhos e escravos na sociedade colonial.** São Paulo: Companhia das Letras , 1988 .

STAVENHAGEN, Rodolfo. **Classes sociais e estratificação social** In: __ FORACCHI, M. & MARTINS, J. S. Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1977

WEDDERBURN, Carlos Moore. **O racismo através da história:** da antiguidade à modernidade, 2007. Disponível em <http://www.ipeafro.org.br/10_afro_em_foco/Moore_Racismo_atraves_da_historia.pdf>, acesso em 20. out 2008.

ANEXOS

ANEXO I

QUESTIONÁRIO NORTEADOR PARA A ENTREVISTA

- 1) QUAL A SUA OPINIÃO QUANTO A MISCIGENAÇÃO E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA SOCIEDADE BRASILEIRA?
- 2) QUAIS AS CAUSAS DO RACISMO (PRECONCEITO RACIAL) NA SOCIEDADE ? COMO SUPERÁ-LAS?
- 3) PARTICIPA DE ALGUM MOVIMENTO SOCIAL RELACIONADO À QUESTÃO RACIAL?
- 4) QUAL A ETNIA DOS SEUS ANTIGOS RELACIONAMENTOS AFETIVOS? E COMO SE DEU A TRAJETÓRIA DESSES RELACIONAMENTOS?
- 5) QUAIS AS FACILIDADES E DIFICULDADES E/OU DIFICULDADES QUE ENCONTRAM COM A FAMÍLIA DE ORIGEM, AMIGOS E NAS RELAÇÕES SOCIAIS COTIDIANAS?
- 6) DE QUE FORMA TEM CONVIVIDO E/OU ENFRENTADO A REPULSA DAS PESSOAS ?
- 7) EM QUE AMBIENTE DO COTIDIANO SE ALOCA MAIS INTENSAMENTE AS ATITUDES DE PRECONCEITO?
- 8) HÁ DIFERENÇA ENTRE RELACIONAR-SE SEXUALMENTE COM BRANCOS(AS) E NEGROS(AS)?
- 9) QUAIS OS MOTIVOS A LEVARAM A UNIR-SE COM O SEU PARCEIRO?

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIMENTO- TCLE

Estamos desenvolvendo a pesquisa intitulada AFETOS E RELAÇÕES INTER-RACIAIS NA CIDADE DE FORTALEZA. Com a mesma objetivamos investigar e identificar casais inter-raciais, suas representações, as tensões que envolvem e se apresentam na relação. Como esses casais convivem com atitudes de preconceito em um País que tem a imagem da democracia racial? Como o racismo é visualizado da privacidade familiar diante da escolha de manter uma relação inter-racial?

Informamos que você pode desistir de participar da mesma no momento em que decidir, sem que isso acarrete quaisquer penalidades e que seu nome e/ou de pessoas que você venha a citar não serão revelados no trabalho acadêmico a ser elaborado com os resultados da presente pesquisa, bem como nenhuma outra forma de identificação.

Se necessário, poderá entrar em contato com a responsável pela pesquisa (JORDANA FREITAS DE SOUSA) através dos seguintes telefones: (85)34828867/88258149

JORDANA FREITAS DE SOUSA

EU, _____, RG _____.

Abaixo qualificado(a), fui devidamente esclarecido(a) sobre a pesquisa acima citada. Declaro, outrossim, que após ter entendido o que me foi explicado em detalhes, pela pesquisadora, e ciente que em qualquer momento posso pedir novos esclarecimentos, como também retirar o meu consentimento. Estou ciente que por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, não terei direito a nenhuma remuneração e/ou indenização. Diante do exposto, consinto voluntariamente em participar desta pesquisa.

Fortaleza, ____/____/____

Assinatura do(a) entrevistado(a)